

Carlos Alberto Louçã Rodrigues

Retábulos da Ilha de Santa Maria – Açores

Mestrado em História e Patrimónios

**Trabalho efetuado sob a orientação de:
Professor Doutor Francisco Ildefonso da Claudina Lameira**



UNIVERSIDADE DO ALGARVE
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

2019

Retábulos da Ilha de Santa Maria – Açores

“Declaração de Autoria do Trabalho”

“Declaro ser o autor deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída”.

(Carlos Alberto Louçã Rodrigues)

.....

Copyright: (Carlos Alberto Louçã Rodrigues).

“A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos”.

Dedicatória

À Inês e a Beatriz, minhas fontes, paz e sentido de vida.

Aos meus queridos pais, pelo apoio incondicional que me deram ao longo deste trabalho.

A todos vocês, um bem-haja!

Agradecimentos

Em primeiro lugar, quero deixar expresso os meus agradecimentos ao meu orientador, o Professor Doutor Francisco Ildfonso da Claudina Lameira, pelo seu apoio incondicional, disponibilidade e amizade demonstrada, bem como, pelas sempre oportunas sugestões e transmissão de conhecimentos imprescindíveis à elaboração desta dissertação.

Agracio igualmente a colaboração de várias entidades e pessoas que tornaram possível a concretização deste estudo, nomeadamente, o Sr. Hélder Fernando da Silva Borges Pimentel (Presidente da Mesa da Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres de Vila do Porto) individualidade que permitiu o acesso às respetivas igrejas e ermidas, de forma que pudesse efetuar o registo fotográfico dos retábulos pretendidos; ao Sr. Ricardo Sebastião Sousa (Juiz da Confraria do Santíssimo Sacramento de Vila do Porto); à Sra. Cidália Reis Figueiredo (Câmara Municipal de Vila do Porto); ao Sr. José Humberto Chaves (Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Porto); ao Sr. Rui da Conceição Figueiredo Costa (Presidente do Recolhimento de Santa Maria Madalena de Vila do Porto); à Sra. Isilda Branco Vieira (Cartório da Matriz de Vila do Porto, Paróquia de Nossa Senhora da Assunção); ao Sr. Aldeberto José de Loura Chaves (Tesoureiro da Junta de Freguesia de Santo Espírito); à Dra. Cláudia A.C. Cardoso (Diretora da Biblioteca Pública e Arquivo Regional Luís da Silva Ribeiro de Angra do Heroísmo); ao Sr. Pedro Pascual de Melo (ICPD – Instituto Cultural de Ponta Delgada); ao Padre Rui Silva (Pároco da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção de Vila do Porto e Ouvidor Eclesiástico da Ilha de Santa Maria); ao Cônego Adriano Borges (Reitor do Santuário da Esperança de Ponta Delgada); à Sra. Lizete Cabral e Debora Vicente (Biblioteca Municipal de Vila do Porto); ao frei Paulo Ferreira (Convento de São Francisco de Assis de Faro); à Biblioteca Municipal de Faro (respetivos técnicos que aí trabalham); à Biblioteca Campus da Penha da UAlg. (respetivos técnicos que aí trabalham) e à Biblioteca Campus de Gambelas da UAlg. (respetivos técnicos que aí trabalham).

Por último agradeço aos meus queridos pais, que estiveram incessantemente prontos para ajudar e que todas as palavras são poucas para regradar. Por fim, deixo a minha perdurável gratidão a duas pessoas que sabem muito bem quem são, pelos seus insuperáveis afetos e paciência ao longo de mais esta fase da minha existência.

Resumo

A presente dissertação, subordinada ao tema "Retábulos da Ilha de Santa Maria – Açores", tem como objetivo principal estudar e analisar uma das manifestações artísticas que mais notabilidade teve durante o Antigo Regime. Pretende este estudo, acima de tudo, contribuir para a divulgação, valorização e salvaguarda deste património artístico e cultural através da elaboração de uma monografia.

O estudo divide-se em três partes. A primeira tem como finalidade caracterizar a evolução histórica da atual ilha de Santa Maria, com o propósito de destacar o aspeto religioso, apresentando geograficamente a localização das igrejas matrizes ou paroquiais, igrejas, ermidas e um convento franciscano que se edificaram ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII e que têm os retábulos de maior valor patrimonial. Ainda aqui foram realçadas as expressões relativas as vivências religiosas de maior relevo da sociedade mariense, que se manifestavam por meio de confrarias ou irmandades, procissões, romarias e tradições.

A segunda parte dá ênfase ao conjunto retabulístico de Santa Maria, abordando questões como: a localização, encomenda e patrocínio, usos e funções, iconografia, materiais e técnicas, tipologias e modelos compositivos, periodização, a complementaridade das artes e produção artística.

A terceira e última parte restringe-se ao catálogo dos retábulos recenseados. De um total de vinte e sete retábulos, fez-se ficha de inventário de nove, excluindo-se os revivalistas pelo facto de corresponderem a um período de declínio a nível produtivo.

Palavras-chave: Ilha de Santa Maria, Igreja, Retábulo.

Abstract

The principal purpose of the presente dissertation, under the theme "Reredoses of Island of Santa Maria", is to study and analyze one of the most notable artistic manifestations during the Dictatorship. This study aims, above all, at contributing to the promotion and safeguard of this cultural heritage through the elaboration of an monograph.

The study is divided in to three sections. The first one is intended to characterize the historical evolution of the presente Island of Santa Maria, by pointing out the religious aspect, presenting the location geographical the mothers churches or parishes, churches, hermitages and one franciscan convent that building in centuries 16 th, 17 th and 18 th, and they have reredoses with big value patrimonial. Still here, have been enhanced the expression and religious life of the mariense society including religious festivies and confraternities, processions, pilgrimages and traditions.

The second part emphasizes the set of reredoses existing in Island of Santa Maria, answering questions such as: the location, commissioned it and funding, uses and functions, iconography, techniques and materials, typologies and periods, complexity the arts and artistic production.

The third and last section is restricted to the catalogue of the registered reredoses. Of a total of twenty-seven reredoses, one inventory file was done for each of nine, excluding the revivalists because they correspond to a period of production decline.

Keywords: Island of Santa Maria, church, reredoses.

Abreviaturas

AA – Arquivo dos Açores

ANTT – Arquivo Nacional da Torre do Tombo

AA. VV. – Vários Autores

C. – Cerca

CECRA – Centro de Estudo Conservação e Restauro dos Açores

EDUSP – Editora da Universidade de São Paulo

Fr. – Frei

ICPD – Instituto Cultural de Ponta Delgada

IHIT – Instituto Histórico da Ilha Terceira

IHRU – Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana

IHS – “*Iesus Hominum Salvator*” (Jesus Salvador dos Homens)

INE – Instituto Nacional de Estatística

NS – Nossa Senhora

Pe. – Padre

SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitetónico

UAlg – Universidade do Algarve

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS	vi
RESUMO	vii
ABSTRACT.....	viii
ABREVIATURAS	ix
ÍNDICE GERAL	x
INTRODUÇÃO	1
1 – A ILHA DE SANTA MARIA - AÇORES	3
1.1 – Enquadramento histórico	3
1.2 – Arquitetura religiosa visitada. Mapa de localização geográfico da igreja matriz, igrejas paroquiais, igrejas, ermidas e convento recenseados	6
1.3 – Manifestações das vivências religiosas	7
1.3.1 – Confrarias ou irmandades	7
1.3.2 – Procissões	8
1.3.3 – Romarias	11
1.3.4 – Tradições	13
1.3.5 – Localização dos retábulos com maior valor patrimonial	17
2 – RETÁBULOS DA ILHA DE SANTA MARIA	18
2.1 – Localização	19
2.2 – Encomenda e patrocínio	20
2.3 – Usos e funções	28
2.4 – Iconografia	31
2.5 – Materiais e técnicas	34
2.6 – Tipologias e modelos compositivos	38
2.7 – Periodização	40
2.7.1 – Renascimento	40
2.7.2 – Barroco pleno	41
2.7.3 – Revivalismos	42

2.8 – A complementaridade das artes	43
2.9 – Produção artística	46
3 – CATÁLOGO DOS RETÁBULOS RECENSEADOS	48
3.1 – Vila do Porto – Planta da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção	49
3.2 – Vila do Porto – Retábulo do Santíssimo Sacramento	51
3.3 – Vila do Porto – Retábulo de Nossa Senhora do Carmo	53
3.4 – Vila do Porto – Planta da Igreja do Antigo Convento Franciscano de Nossa Senhora da Vitória ou de São Francisco	55
3.5 – Vila do Porto – Retábulo do Santo Sepulcro	57
3.6 – Vila do Porto – Retábulo de Santo António	59
3.7 – Vila do Porto – Retábulo do Senhor Santo Cristo dos Milagres	62
3.8 – Vila do Porto – Planta da Igreja do Recolhimento de Santa Maria Madalena ...	64
3.9 – Vila do Porto – Retábulo principal	66
3.10 – Vila do Porto (Anjos) – Planta da Ermida de Nossa Senhora dos Anjos	68
3.11 – Vila do Porto (Anjos) – Retábulo principal	70
3.12 – Vila do Porto – Planta da Ermida do Corpo Santo ou de São Pedro Gonçalves Telmo	72
3.13 – Vila do Porto – Retábulo principal	74
3.14 – Santo Espírito – Planta da Ermida de Nossa Senhora da Glória	76
3.15 – Santo Espírito – Retábulo principal	78
4 – CONCLUSÃO	79
5 – FONTES E BIBLIOGRAFIA	83
6 – APÊNDICE DOCUMENTAL	87
7 – APÊNDICE FOTOGRÁFICO	97

Introdução

O presente trabalho foi realizado no âmbito da cadeira de Retábulos de Expressão Portuguesa do Mestrado em História e Patrimónios.

A ilha de Santa Maria nos Açores foi a localidade escolhida para a realização deste estudo. A sua eleição não se deveu a motivos pessoais, mas sim por se tratar de um local onde ainda não tinha sido efetuado nenhuma pesquisa sobre esta temática. Convém, no entanto, destacar três obras de investigadores, que se debruçaram sobre Santa Maria e que nos ajudaram na concretização desta análise. Gaspar Frutuoso, *Livro Terceiro das Saudades da Terra*; Frei Agostinho de Montalverne, *Crónicas da Província de São João Evangelista das Ilhas dos Açores* e por último Manuel Monteiro Velho Arruda, *Igrejas da Comenda de Santa Maria da Assunção da Ilha de Santa Maria*. É ainda de salientar a obra literária de Susana Goulart Costa, *Açores – Nove Ilhas, Uma História*, que muito contribuiu para a realização desta obra, sobretudo no aspeto de tentar perceber a vida religiosa dos marienses, as confrarias ou irmandades e os aspetos ligados à sociabilidade religiosa de expressão popular.

Os objetivos mais importantes deste estudo são: contribuir para valorizar e salvaguardar este património através da realização de um inventário dos retábulos existentes na atual ilha de Santa Maria, sendo para isso abrangidas as quatro freguesias urbanas de Vila do Porto, Santo Espírito, Santa Bárbara e São Pedro. Para que isto seja possível começamos pela recolha fotográfica, bibliográfica e documental, procedendo-se ao tratamento de dados e à análise formal, de modo que possamos responder a algumas questões que consideramos fundamentais:

- Será que a ilha de Santa Maria, pertencente ao episcopado de Angra, era auto-suficiente em termos construtivos? Ou recorria frequentemente a artistas com oficinas abertas em Angra ou Ponta Delgada?
- Os artistas com oficinas abertas em Santa Maria regulavam-se pelos parâmetros artísticos vigentes em Angra ou Ponta Delgada, de forma atualizada ou retardatária? Ou será que apresentaram características próprias?
- E, quem eram os principais responsáveis pelas encomendas.

O trabalho estrutura-se em três partes distintas. A primeira pretende caracterizar a evolução histórica da atual ilha de Santa Maria, com vista a descrever e dar particular ênfase ao aspeto religioso. Assim sendo, são apresentadas as igrejas matrizes ou paroquiais, igrejas, ermidas, recolhimentos e um convento que se foram implementando ao longo do Antigo Regime, bem como as principais expressões das vivências religiosas da sociedade que se manifestavam pelas diversas procissões, romarias e tradições e pela criação de confrarias ou irmandades, não esquecendo de abordar os danos causados pelos ataques piratas e corsários entre os séculos XV a XVII e o descaramento da coroa em não continuar a financiar obras a partir de meados do século XIX, de modo que possamos entender as principais alterações sofridas a nível religioso e administrativo.

A segunda parte é dedicada aos retábulos, onde são abordadas importantes questões como: a localização, encomenda e patrocínio, usos e funções, iconografia, materiais e técnicas, tipologias e modelos compositivos, periodização, a complementaridade das artes e produção artística.

Para finalizar, na terceira parte apresentamos o catálogo dos retábulos recenseados, organizados por freguesias, onde constam nove retábulos, tendo sido excluídos dezoito exemplares revivalistas por corresponderem a um período de declínio em termos produtivos. Consequentemente procedeu-se à descrição de cada um dos retábulos, onde acompanhados pela respetiva fotografia são dadas as seguintes informações: localização, encomenda, artista responsável pela sua execução, conjuntura artística, usos e funções, tipologia, análise formal e finalmente o estado de conservação.

1 – A Ilha de Santa Maria – Açores

1.1 – Enquadramento Histórico

A ilha de Santa Maria tem uma superfície de 97 Km² e localiza-se geograficamente a 36° 58' de latitude setentrional e a 16° 3' de longitude ocidental segundo o Meridiano de Greenwich e a uma distância de 780 milhas de Lisboa ¹. Quanto a população residente no século XVII (1664) era de 1600 habitantes, no século XIX (1850) 5691 habitantes ², no século XXI (2001) 5577 habitantes e em 2017 de 5651 habitantes ³, o que nos mostra que a população entre 1850 a 2017 pouco tem variado. Administrativamente tem cinco freguesias: Vila do Porto (1470), Santo Espírito (1540), Santa Bárbara (1570), São Pedro (1603) e Almagreira (1906), que constituem o concelho de Vila do Porto, o único da ilha.

Foi a primeira ilha do arquipélago dos Açores a ser descoberta por volta de 1427 ⁴ e o seu descobrimento, ficou a dever-se ao navegador português, Diogo de Silves, como atesta uma carta escrita a El-Rei de Portugal D. Afonso V pelo cartógrafo catalão Gabriel de Vallseca em 1439: "*(...) esta ilha foi achada por Diogo de Silves piloto de El-Rei de Portugal D. João I no ano de 1427*" ⁵ e a 15 de agosto de 1432, dia da Assunção de Nossa Senhora, o navegador Frei Gonçalo Velho Cabral e sua tripulação desembarcaram na ilha e deram-lhe o nome de Santa Maria em homenagem ao dia.

A 2 de julho de 1439, D. Afonso V enviou uma carta a seu tio, o Infante D. Henrique autorizando-o a povoar a ilha, onde alguns anos antes Frei Gonçalo Velho Cabral, já tinha lançado alguns animais domésticos (vacas, ovelhas e porcos) ⁶. Neste mesmo ano, D. Henrique inicia o primeiro povoamento, com colonos das suas comendas, e os fez colocar sob a égide da Ordem de Cristo, e para chefe da missão enviou como 1º Capitão-Donatário, o Comendador de Almourol, Frei Gonçalo Velho Cabral, com a incumbência de a povoar e desenvolver.

¹ FIGUEIREDO, 1990: 24.

² FIGUEIREDO, 1990: 60.

³ INE, PORDATA (última atualização: 2018-11-07).

⁴ AA.VV., 1998: 35.

⁵ MEDINA, 1995: 125.

⁶ ARRUDA, 1977: 21.

Os recém-chegados sedentarizaram-se na foz da Ribeira do Capitão e também junto à Baía dos Anjos, mas foi nas imediações da Praia dos Lobos que a maioria dos povoadores se fixaram, pois ali as características climáticas eram muito idênticas as das suas áreas de origem, o que favoreceu o cultivo dos géneros alimentares que formavam a base da dieta tradicional mediterrânea destes ocupantes «na maioria alentejanos e algarvios» e a abundância de água potável proveniente da Ribeira Grande a Oeste e da Ribeira do Sancho a Este favoreceu consideravelmente a pecuária, as indústrias artesanais e o comércio.

Em meados de 1450, nasce a povoação do Porto por diligência de Fernão de Quental e João de Castanheira ⁷ e em 1470 recebeu a primeira Carta de Foral dos Açores tornando-se na primeira Vila a constituir município e sede do primeiro governo açoriano. Genes Corvelo trouxe os documentos referentes à Câmara Municipal e à Igreja Matriz e aproveitou a ocasião para dizer que a Vila passaria a chamar-se Vila do Porto ⁸ e respeitante a ela, Gaspar Frutuoso disse: "*Edificada numa lomba soalheira entre duas ribeiras, é composta por três ruas compridas, entrecortadas por azinhagas e travessas das quais se destaca a Rua Direita, onde vivia a Aristocracia*" ⁹.

Nesta rua (hoje Rua Frei Gonçalo Velho) construíram-se variadíssimas residências senhoriais e religiosas em estilo gótico e manuelino, como a casa do 3º Capitão-Donatário, João de Sousa do século XV e a igreja matriz de Nossa Senhora da Assunção dos finais do século XV / princípios do XVI ¹⁰.

A 3 de novembro de 1534, o papa Paulo III fundou a diocese de Angra do Heroísmo pela bula *Aequum reputamus*, desvinculando-se da tutela do bispo do Funchal. A 11 de outubro de 1535, D. João III efetiva a localização da Sé ficando definitivamente estabelecido o Bispado de Angra e mais ilhas dos Açores, mas só em 1550, é que a diocese passou a ser sufragânea do arcebispado de Lisboa. Entretanto, a bula designou o rei de Portugal como Padroeiro da diocese, com incumbências diversas,

⁷ FRUTUOSO, 1983: 69.

⁸ FIGUEIREDO, 1990: 57.

⁹ FRUTUOSO, 1983: 70 e 71.

¹⁰ ALMEIDA e BELO, 2006: 205.

nomeadamente a apresentação ao Papa dos nomes a futuros bispos e a apresentação ao bispo de todas as dignidades do Cabido e dos sacerdotes das nove ilhas. A partir de 1534, a coroa portuguesa passa a conjugar a jurisdição temporal (como administradora da Ordem de Cristo) com os benefícios de Padroeira ¹¹. Angra teve como primeiro bispo D. Agostinho Ribeiro (1534 – 1540) e foi apoiado por cinco dignidades eclesiásticas (deão, mestre-escola, chantre, arcediogo e tesoureiro) e mais doze cónegos ¹². Numa diocese muito difícil de gerir face aos constrangimentos geográficos, o prelado não pôde obedecer ao preceito das visitas anuais ou bienais que o Concílio de Trento (1545 - 1563) impusera. Todavia, era crucial que a administração episcopal funcionasse de forma eficaz, assim para o caso da ilha de Santa Maria o bispo criou um delegado regional, designado por Ouvidor, com a finalidade de agilizar os procedimentos religiosos locais e permitir ultrapassar as dificuldades causadas pela ausência episcopal. Entretanto, desde o século XV (1480) a XVII (1675) Santa Maria foi vítima de repetidos ataques perpetuados por piratas mouros e corsários ingleses e franceses e para defesa construíram-se dois fortes, o de São João Baptista edificado na segunda metade do século XVI ¹³ e o de São Brás no final do século XVI e início do XVII ¹⁴. Este último continha no seu interior a Ermida de Nossa Senhora da Conceição ou de Santa Luzia, fundada no século XVIII sobre as ruínas de uma ermida anterior que foi a primeira matriz de Vila do Porto ¹⁵. Como auxílio espiritual contra o medo que vinha do mar, os marienses construíram a Ermida de Nossa Senhora dos Anjos, edificada no século XV e considerada o primeiro templo dos Açores, totalmente dedicado à Virgem Maria ¹⁶. Referente aos primeiros religiosos a pisarem solo de Santa Maria, Frei Agostinho de Montalverne disse: “(...) *tanto que esta ilha foi descoberta, acudiram logo os nossos frades a ela, a fazer povoação do Céu*” ¹⁷. De fato os franciscanos acompanharam os primeiros povoadores e instalaram-se em Santa Maria em 1446 ¹⁸ e iniciaram a 27 outubro de 1607 as obras do Convento dedicado a Nossa Senhora da Vitória, tendo sido celebrada a primeira missa a 26 de março de 1609 ¹⁹.

¹¹ COSTA,2008: 132.

¹² MALDONADO, 1989 – 1997, Vol.3: 140.

¹³ DIAS, 2008: 35.

¹⁴ NOÉ, 2012, www.monumentos.pt.

¹⁵ ALMEIDA e BELO, 2006: 206.

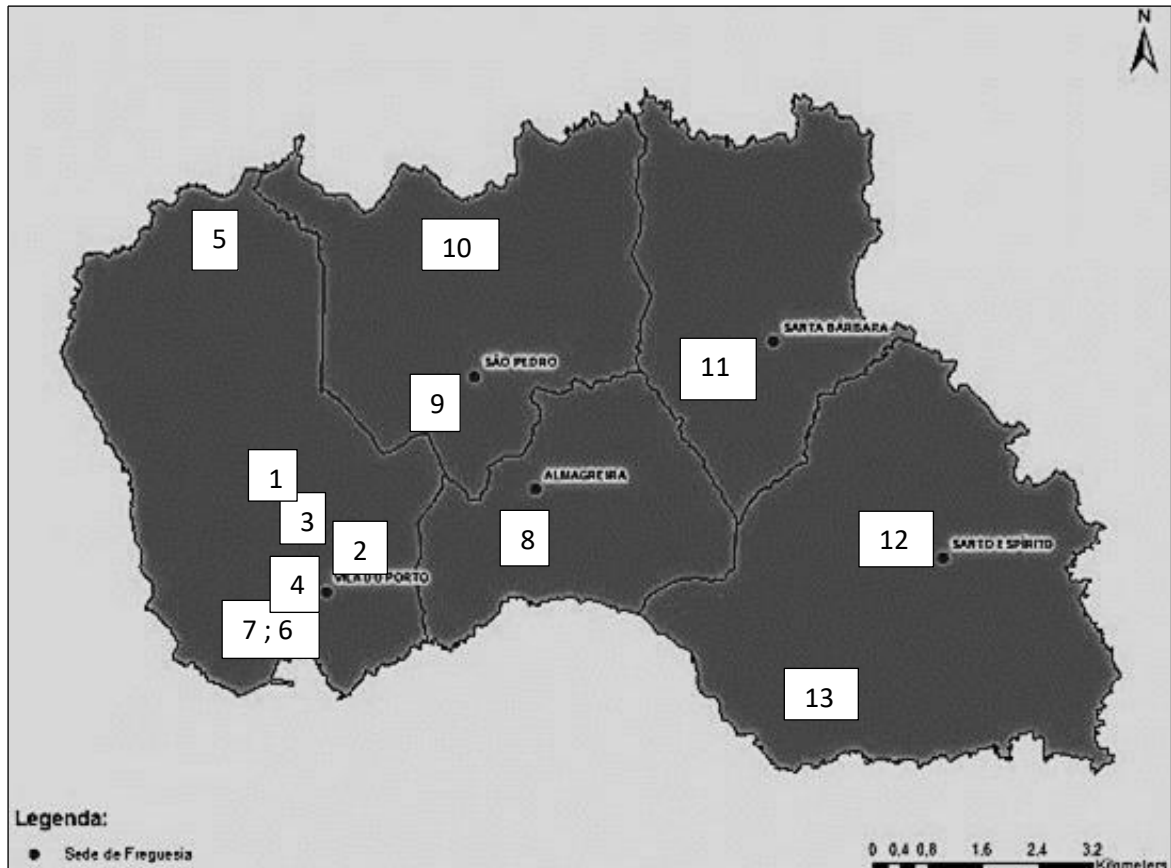
¹⁶ ALMEIDA e BELO, 2006: 202.

¹⁷ MONTALVERNE, 1960: 89.

¹⁸ COSTA, 2008: 138.

¹⁹ COSTA, 17 abril 1955 – 17 outubro 1956: 129.

1.2 – Arquitetura Religiosa Visitada. Mapa de Localização Geográfica da Igreja Matriz, Igrejas Paroquiais, Igrejas, Ermidas e Convento Recenseados



Vila do Porto:

- 1 – Convento de Nossa Senhora da Vitória ou de São Francisco, Igreja de Nossa Senhora da Vitória e Capela dos Terceiros;
- 2 – Igreja matriz ou de Nossa Senhora da Assunção;
- 3 – Igreja do recolhimento de Santa Maria Madalena;
- 4 – Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia (*foi visitada, mas está a ser totalmente restaurada*);
- 5 – Ermida de Nossa Senhora dos Anjos;
- 6 – Ermida do Corpo Santo ou de São Pedro Gonçalves Telmo;
- 7 – Ermida de Nossa Senhora da Conceição ou de Santa Luzia.

Almagreira:

- 8 – Igreja paroquial de Nossa Senhora do Bom Despacho.

São Pedro:

- 9 – Igreja paroquial de São Pedro;
- 10 – Ermida de Nossa Senhora do Pilar.

Santa Bárbara:

- 11 – Igreja paroquial de Santa Bárbara.

Santo Espírito:

- 12 – Igreja paroquial de Nossa senhora da Purificação;
- 13 – Ermida de Nossa Senhora da Glória.

1.3 – Manifestações das Vivências Religiosas

A população da ilha de Santa Maria, inspirada em copiosas devoções e fortemente catequizada participava intensamente na vida religiosa. Destacam-se seguidamente os exemplos que melhor retrataram as vivências religiosas desta comunidade, entre as quais se salientam as várias confrarias ou irmandades que se institucionalizaram na ilha, e as várias festividades como procissões, romarias e tradições.

1.3.1 – Confrarias ou Irmandades

Em Santa Maria durante o Antigo Regime quase todos os habitantes estavam inseridos em uma ou mais confrarias. Vários eram os motivos que levavam a população a inserir-se neste tipo de associações: o culto a Deus ou a um ou mais santos, a proteção e segurança em vida e após a morte, visibilidade social e ajuda profissional.

Assim, podemos afirmar que na ilha de Santa Maria, as confrarias ou irmandades desempenharam um papel de notável realce, na medida em que abrangiam todos os setores da população. Sobressaíram, no entanto, as Confrarias do Santíssimo Sacramento, das Ordens Terceiras de São Francisco de Assis e de Nossa Senhora do Carmo²⁰ e a Irmandade da Santa Casa da Misericórdia, integrando-se nestas associações inscritos como irmãos os mais altos representantes da nobreza local, dos mercadores e dos armadores mais abastados, ou seja, os cargos diretivos eram ocupados sistematicamente pelas personalidades de maior prestígio. Obrigatório é ainda referir as Confrarias das Almas ou dos Fiéis de Deus²¹, que, juntamente com as Confrarias do Santíssimo Sacramento existiam na igreja matriz de Nossa Senhora da Assunção de Vila do Porto e nas três igrejas paroquiais de Santo Espírito, Santa Bárbara e São Pedro²². Todavia a religiosidade dos marienses expressou-se ainda por outras associações de devotos leigos todas elas constituídas com o objetivo de exercerem obras de piedade e de fomentarem o culto ao Senhor Jesus, a Maria e a alguns santos. Assim, ao longo dos séculos XVI a XVIII referente a Cristo foi construída a Confraria de Jesus ou do Nome de Deus sediada na igreja matriz de Vila do Porto e respeitante à devoção mariana foram

²⁰ ARRUDA, 1947: 467.

²¹ ARRUDA, 1947: 138.

²² AA.VV., 2018: 474.

constituídas três confrarias, a de Nossa Senhora da Assunção com sede na matriz de Vila do Porto, de Nossa Senhora da Purificação na paróquia de Santo Espírito e a de Nossa Senhora dos Anjos e Escravos da Cadeinha na ermida dos Anjos²³. Referente aos santos existiam também três devoções, a Confraria de São Sebastião e de São Pedro ambas da matriz de Vila do Porto e a de Santa Bárbara da paróquia do mesmo nome.

Existia também uma confraria ligada à proteção dos pescadores, com o nome de Confraria dos Marítimos com sede na ermida do Corpo Santo ou de São Pedro Gonçalves Telmo em Vila do Porto.

Em 1971 foi fundada a Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres de Vila do Porto, que no dia do orago além de missa e vistosa procissão há uma festividade que assume uma pujança de realce.

1.3.2 – Procissões

As procissões são uma expressão da fé através duma religiosidade que tem a marca duma determinada cultura, neste caso, a cultura insular de Santa Maria. Desde os primeiros tempos da colonização e da evangelização da ilha, elas acompanharam as principais festas religiosas em igrejas matrizes ou paroquiais, igrejas e ermidas, por ocasião das festas do Senhor Jesus, de Maria e dos santos, em períodos litúrgicos importantes, como são, sobretudo, a Quaresma e a Páscoa; ou então como forma de invocar a proteção divina quando estava em causa a segurança da população ou as necessidades de alimento nos tempos de maior falta de água.

Das várias procissões que existiram em Santa Maria, gostaríamos de destacar aquelas que mais impacto tiveram na população. Deste modo, salientaremos as principais procissões que se realizavam na Quaresma e anualmente.

Em relação às “**Procissões da Quaresma**”, durante o Antigo Regime existiam em Santa Maria três procissões: a da Penitência, do Senhor dos Passos e do Enterro.

²³ O BALUARTE de SANTA MARIA, Dezembro de 2001.

A da Penitência, de origem e inspiração franciscana, saía e regressava ao Convento de Nossa Senhora da Vitória ou de São Francisco, em Vila do Porto no primeiro “Domingo da Quaresma” e era organizada pela Confraria da Ordem Terceira de São Francisco de Assis²⁴. Deixou de realizar-se após a extinção das Ordens Religiosas nos Açores a 17 de maio de 1832.

A do Senhor dos Passos iniciou-se em 1707. Saía e retornava à igreja de Nossa Senhora da Misericórdia, em Vila do Porto no quarto “Domingo da Quaresma”²⁵. Quanto ao retábulo do Senhor dos Passos, não se encontra no catálogo porque desde 2018 está a ser restaurado em Angra do Heroísmo. Esta procissão era promovida pela Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Porto.

A do Enterro saía e voltava à igreja matriz de Nossa Senhora da Assunção, em Vila do Porto na noite de Sexta-Feira Santa. “Tanto o Senhor Morto como a Nossa Senhora das Dores ou da Soledade não estão inseridos em retábulos, não estão expostos ao público, mas arrecadados numa dependência da matriz”. Era promovida pela Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Porto.

Respeitante às “**Procissões anuais**”, durante o Antigo regime existiam sete procissões: São Matias, Nossa Senhora da Purificação, Corpo de Deus, São Pedro, Nossa Senhora da Assunção, Corpo Santo ou de São Pedro Gonçalves Telmo e Santa Bárbara.

A de São Matias (Padroeiro da Ilha de Santa Maria) encontra-se mencionada no Arquivo dos Açores, na página 62 ou (ver Doc. 2, página 90). Ali é possível ler-se que foi efetuada no dia 24 de fevereiro de 1687, desconhecendo-se por completo a causa da não realização desta festa processional a partir desta data.

A de Nossa Senhora da Purificação saía e regressava à igreja paroquial de Nossa Senhora da Purificação, em Santo Espírito no primeiro domingo do mês de fevereiro. Referente ao início desta devoção não são conhecidas datas precisas, no entanto, era decerto organizada pela respetiva confraria.

²⁴ ARQUIVO dos AÇORES, 1956, Vol. XV: 82 e 83.

²⁵ ARQUIVO dos AÇORES, 1956, Vol. XV: 82, 83 e 84.

A do corpo de Deus ocorria durante a festa litúrgica do Santíssimo Corpo e Sangue de Jesus. Ignora-se a data exata do seu início, mas há registo de que se realizava na quinta-feira seguinte ao “Domingo da Santíssima Trindade” e que, era organizada pela Confraria do Santíssimo Sacramento, responsável pelo retábulo correspondente (ver Catálogo – 3.2). Saía e volvia à igreja matriz de Nossa Senhora da Assunção, em Vila do Porto.

A de São Pedro saía e retrocedia à igreja paroquial de São Pedro, em São Pedro no dia 29 de junho . Respeitante ao início desta expressão de fé, pouco ou nada se sabe ²⁶, no entanto era decerto organizada pela Confraria do Santíssimo Sacramento ²⁷.

A de Nossa Senhora da Assunção (Padroeira da Ilha de Santa Maria) saía e voltava à igreja matriz de Nossa Senhora da Assunção, em Vila do Porto no dia 15 de agosto, em memória ao dia em que a ilha foi achada. Ignora-se o seu início, mas talvez seja uma das procissões mais antigas da ilha e era organizada pela Câmara Municipal ²⁸.

A do Corpo Santo ou de São Pedro Gonçalves Telmo saía e regressava à sua ermida no domingo da primeira semana de setembro. Teve início desde a edificação da ermida em 1733 ²⁹ e era organizada pela Confraria dos Marítimos, responsável pelo retábulo correspondente (ver Catálogo – 3.13). Como especificidade apontamos a presença no lado da Epístola da nave da ermida, de uma nau que serve de andor à imagem de São Telmo.

A de Santa Bárbara saía e revertia à igreja paroquial de Santa Bárbara, em Santa Bárbara no dia 4 de dezembro. Referente ao início desta prática não eram conhecidas datas precisas, no entanto, era decerto organizada pela respetiva confraria³⁰. Atualmente esta procissão não se efetua.

²⁶ ARRUDA, 1947: 504

²⁷ ARRUDA, 1947: 507.

²⁸ ARRUDA, 1947: 118.

²⁹ AA. VV., INVENTÁRIO DO PATRIMÓNIO IMÓVEL DOS AÇORES, 2005: 205

³⁰ ARRUDA, 1947: 497 e 500.

Respeitante à procissão do Senhor Santo Cristo dos Milagres, apesar de se ter iniciado em 1971, a imagem encontra-se inserida num retábulo do início do século XVIII. Sai e volta anualmente à capela dos Terceiros no sexto domingo após o “Domingo de Páscoa” e é organizada pela respetiva Irmandade.

Durante o Antigo Regime, os marienses eram profundamente crentes e manifestavam a sua devoção e fé de uma forma veemente. Os santos a que os fiéis apelavam, os ritos praticados e as crenças formuladas eram totalmente católicas. As populações viviam a religião cerimonial esperançosa de salvarem as suas almas do Inferno e, por isso, cumpriam os sacramentos do Batismo, Confirmação, Confissão, Eucaristia e Extrema-Unção, festejavam o Natal e a Páscoa, enterravam-se nos adros ou próximos das igrejas e exercitavam a caridade e a solidariedade através de procissões, romarias e por festas religiosas (tradicional) organizadas pelas Confrarias ou Irmandades e pela Santa Casa da Misericórdia.

Após o Antigo Regime e já em plena Contemporaneidade, os marienses continuam a venerar o Senhor Jesus, Maria e os santos, através das procissões, romarias e festas de cariz religioso tradicional que já efetuavam entre os séculos XVI, XVII e XVIII, mas a do Senhor Santo Cristo dos Milagres é agora o evento que atrai mais fiéis, tornando-os mais crentes e felizes.

1.3.3 – Romarias

Nome dado a uma peregrinação religiosa efetuada por um grupo de pessoas (romeiros) a uma determinada igreja ou a um local considerado santo, seja para cumprir promessas, agradecer ou pedir graças, ou simplesmente por devoção e deslocavam-se normalmente a pé.

Em Santa Maria, durante o Antigo Regime as romarias, encontravam-se estabelecidas consoante os dias a alguns santos milagreiros ou em dias considerados santos pela Igreja Católica Apostólica Romana.

Em 15 de janeiro, os marienses celebravam o dia de Santo Amaro, e reuniam-se em romaria na Praia Formosa, na ermida de Santo Amaro ou de Nossa Senhora dos Remédios, em Vila do Porto. Após uma missa cantada e com sermão a preceito, prosseguiam a festa ao padroeiro, com um concorrido leilão onde eram arrematados braços e pernas de cera de abelha ou de massa sovada, doados pelos devotos em cumprimento das graças obtidas ³¹.

(FRUTUOSO, 1996: 66 e 67) argumenta que, “Nesta aldeia da Praia [...] está uma ermida de Nossa Senhora dos Remédios, onde [...] muitos enfermos, que, indo ali em romaria, alcançavam saúde. [...] nasce uma fonte [...], onde se têm lavado muitos enfermos e cobram saúde, e, por isto e por estar ali perto da ermida, lhe chamam todos a Fonte de Nossa Senhora”.

A 17 de janeiro, muitos marienses festejavam o dia de Santo Antão. Reuniam-se em romaria junto da ermida, em Vila do Porto e depois da missa contada com sermão correspondente, retomavam a festa com uma arrematação de ofertas votivas e um arraial na véspera. Os romeiros que tinham animais doentes, levavam-nos para que estes fossem benzidos por forma a curarem-se das suas moléstias, e ofereciam púcaros de gordura animal (banha) para iluminar a candeia que ardia permanentemente, perante o santo ³².

No dia 31 de maio, celebravam o Dia do Divino Espírito Santo. Estas festas, cuja origem estava intimamente ligada à ação caritativa da Rainha Santa Isabel, no século XIV, chegou à Santa Maria trazida pelos primeiros povoadores. A coroação do Imperador, a exposição das suas insígnias – coroa e ceptro – nos treatos das ermidas das povoações, o cortejo do Imperador e da Imperatriz, com o seu séquito, as mulheres levando açafates com pão e vinho, os carros de bois ostentando sobre a canga coloridas decorações de papel e trazendo ofertas para o bodo, a música e os cantares dos foliões, são fases de um cerimonial cujas origens se perdem nos tempos. No dia da festa, “Domingo de Páscoa da Ressurreição”, logo de madrugada eram acesas as fogueiras que iam aquecendo as grandes panelas de ferro onde eram cozinhadas as sopas do Império e os pratos de carne. O bodo atraía todos os habitantes da povoação e seus arredores, que graciosamente comiam num ambiente de alegria e paz. Esta romaria é talvez a mais antiga de Santa Maria.

³¹ FIGUEIREDO, 1990: 91.

³² COSTA, 1955 – 1956: 43

(FRUTUOSO, 1996: 62) argumenta que, “Saindo desta fajã para o Norte, nas terras feitas ao Campo da Marcela, por a haver nele, chama-se ali Santo Espírito, onde dizem os antigos que na ilha se disse a primeira missa e se fez a primeira festa do Espírito Santo, quando entraram nela, e dali ficou nomear-se ainda hoje em dia esta freguesia de Santo Espírito, sendo ela depois edificada, como agora está, da invocação da Purificação de Nossa Senhora, sem perder aquele nome antigo”.

Em 29 de junho, efetuavam a romaria à São Pedro. Santo popular muito querido dos marienses. Após a missa cantada e com sermão a preceito arraial com danças, cantares ao desafio, e por fim um leilão. Era uma festa onde a solidariedade prolongava o espírito da romaria, pois as famílias mais abastadas, envolviam-se diretamente com as faixas da população mais desfavorecida, ajudando-as. Era também muito comum as moças casaduras participarem na romaria com a finalidade, que São Pedro lhes arranjasse um noivo ³³.

Após a procissão de São Pedro Gonçalves Telmo, no domingo da primeira semana de setembro, à noite os mareantes efetuavam um arraial no adro da ermida, onde existia música e bailaricos. Para iluminarem o recinto havia barris de alcatrão a arder, o que fazia que a festa durasse até altas horas da madrugada. Era promessa neste dia, presentear todos os foliões, com comida gratuita, onde o peixe era “Rei”.

No dia 8 de dezembro, celebravam o dia de Nossa Senhora da Conceição, Rainha e Padroeira de Portugal e de todos os povos de língua portuguesa. De todos os lados da ilha, vinham fiéis em busca do «Pão-da-Alma» e todos os templos que se encontravam abertos tinham padres e freires predispostos para exercerem o ato da confissão, de modo que a remissão dos pecados fosse efetuada e assim os marienses ficassem mais próximos da mãe de Deus. A missa em honra de Nossa Senhora da Conceição era celebrada na sua ermida ³⁴.

1.3.4 – Tradições ³⁵

Compreende a comunicação oral de factos, lendas, ritos religiosos, usos, costumes, etc... que se transmitiram de geração em geração.

³³ FIGUEIREDO, 1990: 91.

³⁴ FIGUEIREDO, 1990: 91.

³⁵ FIGUEIREDO, 1990: 92, 93, 94 e 97.

Em Santa Maria, o meio social durante o Antigo Regime era simpático e acolhedor. No entanto, parece um mundo medieval, quando nas ruas solitárias viam-se as senhoras idosas da nobreza com os seus capotes e capuchos, velhos biocos monásticos, que as envolviam por completo, apenas mostrando a biqueira do cordovão. Já os idosos usavam jaleca de estamena e carapuça na cabeça, espécie de chapéu henriquino, apoiando-se no bordão de ponteira. E as mulheres do povo, vestiam saiotes rodados, colete de paninho, calçavam galochas, traziam patrona à cintura, xaile no antebraço e elegante carapuça sobre o «cache-nez» de ramagens, e pobre daquela que desse um passo em falso, que «andasse na boca do mundo», era melhor sem demora, apanhar um navio e ir-se embora porque todos a esconjuram... E quanto à «roda dos expostos», que existia no recolhimento de Santa Maria Madalena? Será que servia de enfeite ou será que a sociedade mariense necessitava dela? Ela necessitava mesmo dela!

Quanto às famílias distintas, algumas descendentes de antigos morgados, sabiam receber amigos e parentes, em alegres bailaricos e jogatinas: os Mateus, os Arrudas, os Monteiros, os Leandres, os Bettencourt, etc. Por vezes havia a ilusão de se viver em meio grande, tal o aprumo que se notava nessas reuniões, salpicadas de ditos de espírito e de jogos de prendas, e a que sempre compareciam o administrador do concelho, o presidente do município, o ouvidor eclesiástico e o vigário, os magistrados da comarca, o delegado marítimo e o escrivão da fazenda;

Nas ruas de Vila do Porto e nos pequenos povoados, espalhados pela ilha, os mais novos pediam a bênção aos mais velhos, que a deitavam, solenes e agradecidos: «Deus te cubra». Quando uns passavam pelos outros, era boa educação levar a mão ao chapéu: «Haja saúde». Os marienses comportavam-se como se fossem membros de uma grande família! Muito raramente a polícia passava uma coima a um cidadão. Assim, também a cadeia estava sempre vazia e quando alguém nela permanecia era assunto global na ilha. Era muito comum, depois da missa, no adro, ver homens a fecharem negócios com um simples aperto de mão e os velhos de barba branca até ao peito, eram venerados como sendo sábios e dignos de respeito;

Nas eiras das debulhas, havia alegria e bulício – os trigos retraçavam o calçadouro, rodeado pelos fascais, que de longe assemelhavam-se a pirâmides egípcias. Nas desfolhadas rasgavam-se os folhelhos e atavam-se as pinhas das maçarocas. Ranchos de homens e mulheres padejavam os cereais ou levantavam os estaleiros. E tudo acabava, na maioria das vezes, ao som de cantigas, despiques, desafios ou de «balhos» regionais, tais como: pai do ladrão, bela-aurora, sapateia, pezinho, chama-rita e manjerição – que faziam recordar muitas cenas dos autos vicentinos;

No que dizia respeito à alimentação, os marienses não eram muito exigentes, pois satisfaziam-se com um passadio rudimentar, onde entrava: farinha de milho torrado; farinha de trigo cozida; pão de milho e leite de vaca; açorda de vinagre; caldo de funcho ou de hortelã pimenta; bolo na panela ou na assadeira; caldo de nabos; caçoila; molhos de porco; bonito assado. Na doçaria: suspiros; melindres; biscoitos-de-orelha; cavacas; encanelados; brindeirinhos; biscoitos de aguardente; tigeladas; biscoitos estalados, arroz-doce; bolinhos de consoada; etc...

Com o Natal à porta, começava a faina da armação dos presépios, pois também em Santa Maria era considerada a maior das folias populares. Mal chegava o dia de Nossa Senhora da Conceição, os moçoilos começavam logo a semear as searinhas (trigo posto a germinar em pratos e tijelas), com que se havia de ornar o Menino Jesus. Era comum também colocarem nos presépios, ramos de murta fresca, cujo aroma silvestre, de mistura com o de alfazema queimada, dava à habitação um ambiente de grande festa, idêntico ao que se verificava quando nascia uma criança, ou se batizava. O Menino Jesus, regra geral, constava de um trono rústico feito de caixas de madeira forradas de alvo lençol de linho, cujo conjunto era colocado sobre um móvel existente na casa de fora, a sala principal da habitação campesina que ficava fronteiro à porta de entrada. O *Divino Infante*, com Seu resplendor de prata, em vez de se apresentar deitado nas palhinhas, dominava do Seu trono toda a casa, desde o Natal até ao dia dos Reis;

Vinha a noite de Natal, e ao bater da meia-noite, as famílias dirigiam-se para as igrejas para a Missa do Galo, levando lampiões e lanternas para iluminar o Caminho.

Acabada a Missa e depois de ter sido dado a beijar o Menino Jesus, por entre cânticos cheios de unção religiosa, dirigiam-se para as suas casas para efetuarem a ceia do Natal. Se algum elemento da família faltava por estar distante e não pudera vir consoar, o seu lugar à mesa ficava vago, com os talheres, pratos e a cadeira em frente, como se fosse esperado a toda a hora;

Depois vinha o *Ano Bom* e os moçoilos comiam massa sovada e biscoitos. Cantavam-se as janeiras e as reisadas, ao som das violas e das rabecas;

No Entrudo, ranchos de mascarados andavam à cata das filhós, que em Santa Maria chamam «mal-assadas». Em Vila do Porto grupos dançantes e centenas de figurantes mascarados percorriam as principais ruas da vila;

Na Quaresma, apesar da tristeza da morte do Senhor, havia um dia de alegria expansiva, era o «do partir da velha», em que se ia botar, na grota mais próxima, algum talhão (tabuleiro ou tacho) rachado, já sem préstimo no granel ou cozinha;

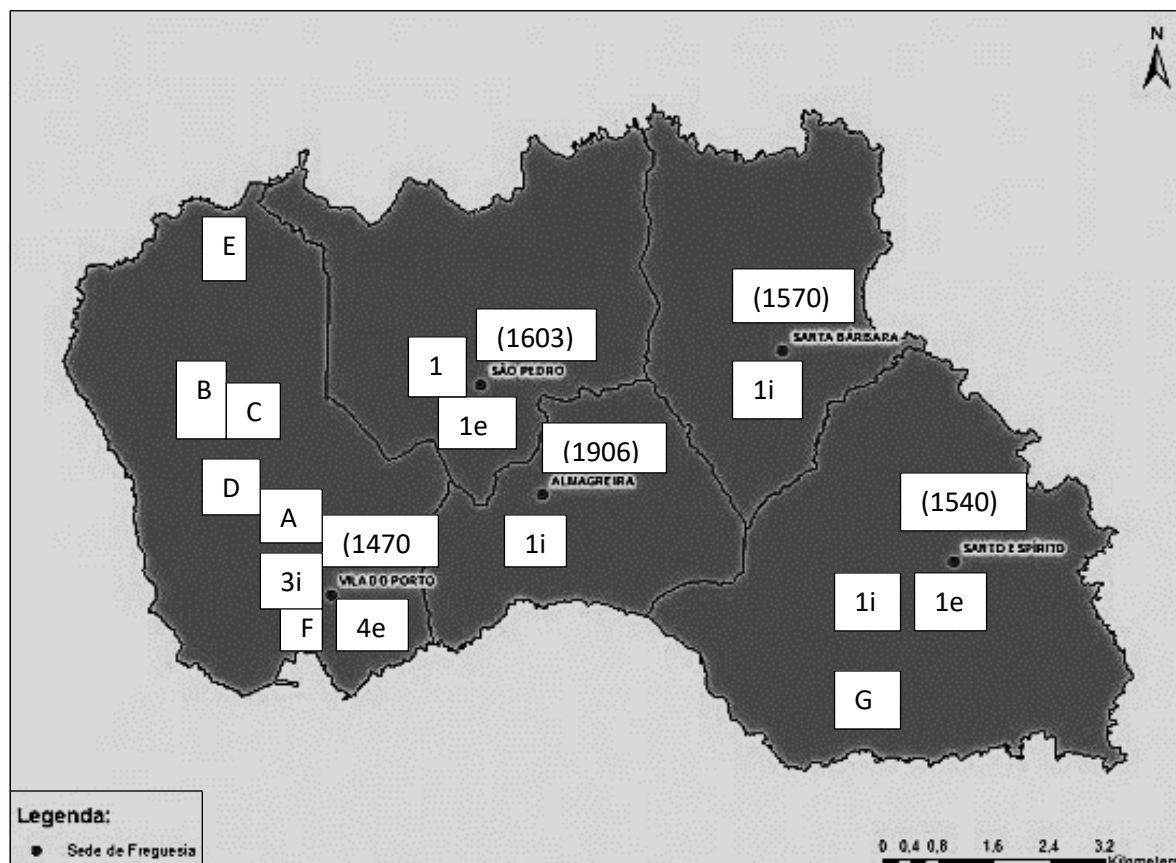
Na Páscoa, participavam logo na primeira missa da ressurreição do Senhor e comiam depois pão-leve e folar e ao almoço cordeiro assado nas mesas das famílias mais abastadas e ensopado de peixe ou bacalhau para as mais pobres;

No Dia dos Finados ou dos Fiéis Defuntos na igreja matriz e nas paroquiais, os sinos não paravam de tanger os seus dobres fúnebres, e nos locais mais altos os pastores bradavam orações para as alminhas do Purgatório. Após a missa da manhã, iam ao cemitério visitar as sepulturas dos entes queridos e enfeitavam os seus túmulos com flores silvestres, de seguida acendiam-lhes velas por suas almas e rezavam;

Com a implantação da República, muitas destas festas e costumes deixaram de existir e as que ainda permanecem, sofreram profundas alterações, onde as manifestações profanas prevaleceram sobre as religiosas, no entanto atualmente, ainda há quaisquer vestígios destes tempos, em algumas aldeias mais recônditas da ilha, porém, já não têm o mesmo encanto de outrora.

1.3.5 – Localização Dos Retábulos Com Maior Valor Patrimonial

Indicamos, de seguida, a localização dos templos onde subsistem os retábulos com maior valor patrimonial e que serão abordados detalhadamente no catálogo.



Vila do Porto (1470):

- A - Igreja matriz de Nossa Senhora da Assunção;
- B - Igreja do antigo convento de Nossa Senhora da Vitória;
- C - Capela dos Terceiros;
- D - Igreja do recolhimento de Santa Maria Madalena;
- E - Ermida de Nossa Senhora dos Anjos;
- F - Ermida do Corpo Santo ou de São Pedro Gonçalves Telmo.

Santo Espírito (1540):

- G - Ermida de Nossa Senhora da Glória.

Abreviaturas:

- (----) - ano em que foi criada a freguesia;
- i - igreja;
- e - Ermida;
- p- Procissão.

2 – Retábulos da Ilha de Santa Maria

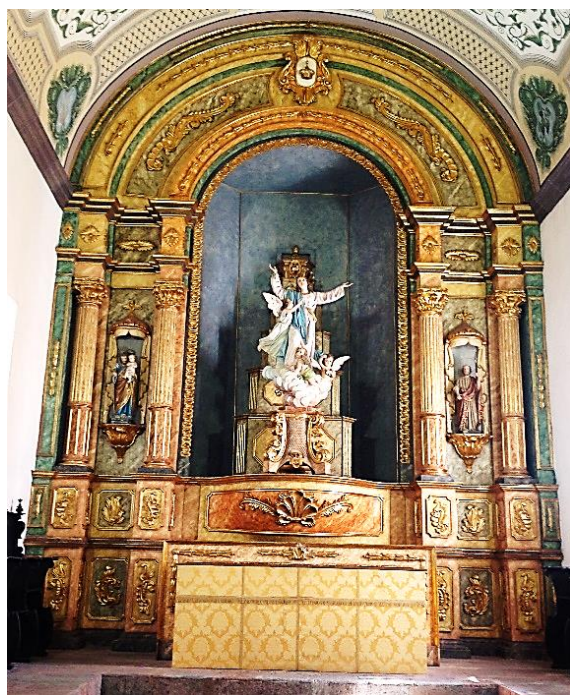
2.1 – Localização

A Ilha de Santa Maria pertence à diocese de Angra do Heroísmo e à semelhança do que ocorreu no resto do país, a localização dos retábulos sempre estiveram diretamente relacionados, com a prática dos atos litúrgicos promovidos pela entidade responsável pela sua administração. Uma das celebrações com maior expressão era a Eucaristia, na larga maioria com a finalidade de sufragar a alma dos fiéis defuntos. Em várias ocasiões do calendário litúrgico ou em situações especiais, podia ocorrer mais do que uma só missa em simultâneo, cada uma delas em seu altar, o que tornou obrigatório a existência de diversos retábulos no mesmo templo. Como exemplo, temos a igreja matriz de Vila do Porto, não só por ser a igreja de maior relevância da ilha, mas por conter seis retábulos, principalmente depois das diversas reconstruções levadas a cabo entre os séculos XVII a XIX ³⁶.

Vejamos de seguida, os diversos locais disponíveis para a localização dos retábulos, de acordo com a diversidade de exemplos encontrados na ilha.

Capela-mor:

Era o local obrigatório onde se situava o retábulo principal, normalmente adossado à parede testeira da ousia ou capela-mor. A sua encomenda e posterior gestão era da



Retábulo-mor da igreja matriz de Vila do Porto. Construído entre 1935 e 1955 – (ver figura 1).

responsabilidade da entidade que administrava o templo. Era o local mais relevante, pois dispunha de um espaço com o pé-direito mais alto e mais largo de todo o edifício. Assim, foi aqui que passou a situar-se maioritariamente o camarim ou a tribuna preenchida, nos exemplares eucarísticos, por um trono piramidal em degraus, local destinado à exposição solene do Santíssimo Sacramento. Aponto como exemplo o retábulo da capela-mor da igreja matriz de Nossa Senhora da Assunção, em Vila do Porto.

³⁶ NOÉ, 2016 <www.monumentos.pt>.

Aqui, destinava-se também a representação figurativa do orago do templo, como podemos observar no retábulo principal da igreja do recolhimento, em Vila do Porto, da invocação de Santa Maria Madalena (ver Catálogo – 3.9) ou do retábulo principal da ermida de Nossa Senhora da Glória, em Santo Espírito (ver Catálogo – 3.15).

Capelas colaterais:

As capelas colaterais à ousia, localizadas na cabeceira, possuíam retábulos, quase sempre de grande importância religiosa e artística, dando-se como exemplo, o da capela do Santíssimo Sacramento, no lado da Epístola, na igreja matriz de Vila do Porto (ver Catálogo – 3.2).

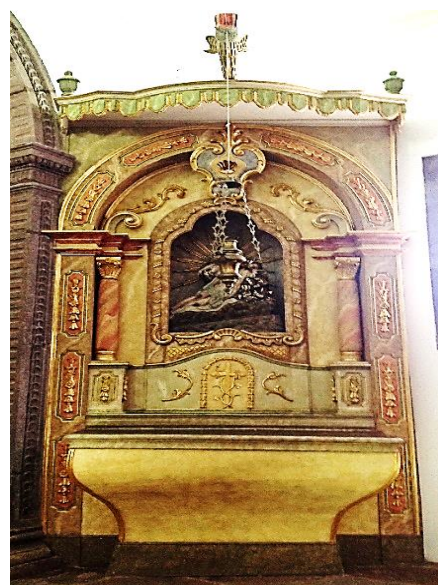
Arco triunfal:

Nos templos em que a cabeceira se compõe apenas pela capela-mor, muitas das vezes as paredes adjacentes das naves eram preenchidas por dois retábulos localizados nas ilhargas do arco triunfal. Estes retábulos resultavam sempre da intervenção direta do responsável administrativo do templo, pretendendo-se, assim, a dignificação do espaço. Como tal, os citados retábulos utilizavam o mesmo *risco*. As entidades que aceitavam este local tinham obrigatoriamente que se submeter a esta exigência e aceitar partilhar o mesmo projeto com outra entidade. Aponto com testemunho, a igreja do recolhimento de Santa Maria Madalena, em Vila do Porto.



Retábulo de S. João Nepomuceno, junto ao arco triunfal

no lado do Evangelho. (ver Figura 12)



Retábulo de N.ª Sr.ª das Dores, junto ao arco triunfal

no lado da Epístola. (ver Figura 14)

Nave(s):

As paredes laterais ou as capelas situadas no corpo das igrejas mais relevantes foram aproveitadas para colocar retábulos laterais. Os eventuais interessados, Confrarias ou Irmandades e instituições particulares, podiam escolher o local mais conveniente enquanto existisse espaços disponíveis. Os retábulos situavam-se maioritariamente nas paredes fronteiras, numa posição favorável ao olhar dos fiéis, apontando-se como exemplo, o retábulo de Nossa Senhora do Carmo da igreja matriz de Nossa Senhora da Assunção, em Vila do Porto (ver Catálogo – 3.3). Em alguns casos pontuais, a entidade que adquiriu um determinado espaço podia promover a reconstrução de uma capela com a superfície exigida para as suas necessidades cultuais, apontando-se como testemunho, a capela de Santo António da igreja do antigo convento de Nossa Senhora da Vitória, em Vila do Porto (ver Catálogo – 3.6).

Coros:

Nos templos dos complexos monásticos-conventuais, havia um ou mais retábulos, quer no coro alto quer no coro baixo, afim de que os religiosos dessas comunidades pudessem aí celebrar determinados ofícios divinos. Aponto como exemplos, o retábulo do Senhor Crucificado do coro baixo, do lado do Evangelho e o retábulo do Senhor Flagelado do coro baixo, do lado da Epístola. Ambos os retábulos pertencem à igreja do recolhimento de Santa Maria Madalena, em Vila do Porto.



Retábulo do Senhor Crucificado – (ver Figura 16)



Retábulo do Senhor Flagelado – (ver Figura 17)

2.2 – Encomenda e Patrocínio

Apesar do carácter predominantemente religioso dos retábulos, eles acabaram por ser encomendados não só pelo clero secular e regular, mas também por quase toda a sociedade civil, na medida em que ela se encontrava estruturada em confrarias ou irmandades, ordens terceiras e privados.

O clero secular desempenhou sem dúvida, um papel predominante, pois estava mais próximo da população. Dele os marienses receberam os serviços religiosos mais elementares, tais como: batismo, confissão, comunhão, crisma, casamento, enterramento, etc...

No clero diocesano, as freguesias ou paróquias eram as unidades mais pequenas e as dioceses as maiores, sendo nas primeiras os Piores ou Párocos os responsáveis e nas segundas os Bispos, auxiliados por órgãos colegiais: os Cabidos. Existiam ainda as vigararias, cuja área de jurisdição pertencia aos vigários, sendo cada uma delas formada por várias freguesias, e eram estruturas intermédias entre as freguesias e as dioceses.

Em Santa Maria coube também aos dirigentes das igrejas matrizes ou paróquias, o papel principal de instruírem a doutrina católica, levando as crianças e adultos a adquirirem os Sacramentos. Por sua vez, o clero secular encontrava-se representado entre os séculos XV a XVIII nas igrejas matrizes ou paroquiais de Nossa Senhora da Assunção, em Vila do Porto; de Nossa Senhora da Purificação, em Santo Espírito; de Santa Bárbara, em Santa Bárbara e de São Pedro, em São Pedro. Cada um destes templos, tinha uma Comissão Fabriqueira que se encarregava da ornamentação da capela-mor e da sacristia. As obras que normalmente eram encomendadas, eram administradas pela Comissão Fabriqueira e financiadas pela população em geral, que contribuía com esmolas, pelas Confrarias do Santíssimo Sacramento, ou por indivíduos ricos que se comprometiam a custear as obras nesses locais. No entanto, antes de se efetuar algo, era obrigatório consultar previamente o Bispo ou um seu representante.

Assim sendo, os Párocos foram os responsáveis pela administração dos retábulos principais das capelas-mores das quatro igrejas matrizes ou paroquiais da ilha de Santa Maria, existentes no Antigo Regime. Atualmente nenhuma igreja matriz ou paroquial possui um retábulo principal dos séculos XV a XVIII, e isto deve-se a duas causas. A primeira pelas constantes invasões efetuadas pelos piratas e corsários e a segunda por falta de um eficiente cumprimento da coroa portuguesa, que provocou adulteração patrimonial e artística destas igrejas, praticamente dependentes das receitas do tesouro régio ou erário régio, apesar das constantes queixas dos Párocos. Hodiernamente os retábulos nelas existentes são revivalistas, pois foram construídos entre a primeira metade do século XX e o início do século XXI, todos praticamente financiados pelas populações em geral, pelas Confrarias do Santíssimo Sacramento e por indivíduos endinheirados que se comprometiam a ajudar (ver Apêndice Fotográfico – Figuras 1, 24, 27, 30 e 34).

O clero regular desempenhou um papel de grande relevância, apesar de só ter havido nesta região quatro casas religiosas. O convento de Nossa Senhora da Vitória ou de São Francisco, em Vila do Porto fundado a 17 de outubro de 1607, pelo padre Frei Manuel do Corpo Santo e Frei António da Piedade ³⁷; o recolhimento de Santa Maria Madalena, em Vila do Porto fundado a 3 de fevereiro de 1594, pelo padre Manuel Curvelo de Resende. Em 15 de novembro de 1612, o padre foi a Roma obter o Breve de Sua Santidade, com o objetivo do recolhimento passar a convento de clausura da Ordem de Santa Clara, facto que foi consumado ³⁸. Entretanto em junho de 1616, um ataque de piratas invadiram o convento e incendiaram-no, ficando reduzido a um modesto oratório que durante muitos anos ficou a pertencer à Ordem das Clarissas. Com o ataque perdeu-se o Breve Pontifício obtido pelo fundador ³⁹. Em 1669, o capitão António Curvelo de Resende reedificou a igreja e reconstruiu o convento , mas sem o Breve este passou novamente de convento a recolhimento de Santa Maria Madalena; o recolhimento de Santo António, em Vila do Porto fundado a 15 de fevereiro de 1687, pelo alferes André Fernandes de Almeida e sua esposa, Leonor de Andrade ⁴⁰ e o recolhimento de Nossa Senhora da Conceição, em Santo Espírito fundado em 1693, pelo

³⁷ MONTALVERNE, 1960: 90.

³⁸ MONTALVERNE, 1960: 95; FIGUEIREDO, 1990: 46; FERREIRA, 2004: 9.

³⁹ ARQUIVO dos AÇORES, 1959, Vol. 15: 165; MONTALVERNE, 1960: 95

⁴⁰ MONTALVERNE, 1960: 95.

padre António Ferreira ⁴¹. Assim, respeitante a Ordens religiosas em Santa Maria verifica-se que só existiu a Ordem de São Francisco de Assis e a Segunda Ordem Franciscana ou Ordem de Santa Clara ⁴², mas a partir de 1669, Santa Maria contém apenas um convento franciscano masculino e em vez de dois passa a ter três recolhimentos femininos ⁴³. Tanto o convento como os recolhimentos eram casas religiosas, mas estes últimos não eram nem conventos nem mosteiros e as raparigas ou mulheres que neles se encontravam resguardadas do mundo secular, não efetuavam profissão de fé ou votos religiosos a Deus, ao contrário dos frades.

Todas as comunidades religiosas eram lideradas por alguém superior, quer na masculina quer nas femininas, mas só à casa conventual estava sujeita à supervisão dos dirigentes das casas provinciais ou cabeças de ordens, a quem tinha de pedir autorização para a execução de qualquer obra. No entanto, tanto o convento como os recolhimentos tinham obrigatoriamente uma igreja, cuja capela-mor e sacristia era administrada pela respetiva comunidade religiosa e à semelhança do que acontecia nas igrejas matrizes ou paroquiais, indivíduos de elevado estatuto social, participavam na ornamentação, na reparação ou na construção das capelas-mores, solicitando em troca aquele espaço para a sua sepultura ou da sua família. O mesmo podia acontecer com as restantes capelas (colaterais e laterais), que podiam pertencer à comunidade religiosa ou ser entregues a confrarias ou irmandades, a ordens terceiras ou a particulares que se responsabilizavam pelos seus preenchimentos a nível arquitetónico, artístico e ornamental em troca de um lugar para a sua sepultura e da sua família. Respeitante as capelas, existentes no interior do convento, pertenciam quase sempre à administração da comunidade religiosa.

Para demonstrar a importância que a única Ordem religiosa teve na encomenda retabulística mariense, refiro que foi muito empreendedor, pois apesar de grande parte do património artístico retabular ter desaparecido na sequência das invasões dos piratas e corsários no século XVII e da extinção das Ordens religiosas na primeira metade do século XIX ⁴⁴, subsistem ainda hoje exemplos, muito significativos, nomeadamente retábulo da capela do Santo Sepulcro (ver Catálogo – 3.5), o retábulo da capela de Santo

⁴¹ MONTALVERNE, 1960: 95.

⁴² COSTA, 2008: 140, 141 e 142.

⁴³ FIGUEIREDO, 1990: 46; ALMEIDA e BELO, 2006: 205.

⁴⁴ ARQUIVO dos AÇORES, 1956, Vol. XV: 108, 109 e 110.

António (ver Catálogo – 3.6) e por fotografia de 1903, pode-se ver como era o retábulo principal da igreja do antigo convento de Nossa Senhora da Vitória ou de São Francisco no início do século XX (ver Apêndice Fotográfico – Figura 10), desconhecendo-se a causa do seu desaparecimento.

A sociedade civil mariense, encontrava-se normalmente estruturada em confrarias ou irmandades e em ordens terceiras e teve um papel bastante ativo na encomenda de retábulos.

As confrarias ou irmandades tinham uma forte componente religiosa, sendo criadas sob devoção a Cristo, a Maria ou a santos protetores, e estruturavam-se em função de um objetivo: a prestação de caridade ou assistência (a doentes, órfãos, viúvas, pobres, entre outros), a entreaajuda profissional e social, ou simplesmente devocional.

Devido às várias funções a que se propunham, era frequente os marienses pertencerem a mais de uma confraria ou irmandade, até porque no Antigo Regime pertencer a uma destas congregações era uma forma de adquirir segurança na vida social e profissional, mas sobretudo confiança para enfrentar o Além.

Os marienses, através destes tipos de instituições, viviam a religiosidade de uma forma muito mais intensa, pois os confrades, para além de participarem ativamente nos cultos da igreja (batismos, missas, procissões, etc...), contribuían ainda na administração de uma capela, onde a sua confraria ou irmandade se encontrava sediada. Em Santa Maria, normalmente estavam sediadas em capelas das igrejas matrizes ou paroquiais, numa capela anexa à igreja do antigo convento de Nossa Senhora da Vitória e nalgumas ermidas. Para construção dos retábulos que iam preencher as suas capelas, frequentemente os mesários das confrarias ou irmandades, contratavam os mestres entalhadores para a execução dos retábulos e douradores e/ou pintores para os acabamentos finais e proviam ainda estes equipamentos com as alfaias litúrgicas que achassem necessárias.

Para liderar as confrarias ou irmandades e até as ordens terceiras encontravam-se quase sempre personalidades de estatuto social privilegiado e de maiores recursos financeiros que, não só dinamizavam a encomenda artística, mas também subsidiavam com esmolas algumas dessas obras. Em Santa Maria sobressaíram os mais altos dignitários da nobreza e de alguns armadores e mercadores. Entre as de maior relevância apontam os a Ordem Terceira de São Francisco de Assis e de Nossa Senhora do Carmo, as Confrarias do Santíssimo Sacramento que passaram a ser obrigatórias a partir de finais do século XVI em todas as igrejas matrizes ou paroquiais, as Confrarias das Almas ou dos Fiéis de Deus, a Confraria do Corpo Santo ou de São Pedro Gonçalves Telmo, etc...; todas elas responsáveis por interessantes retábulos (ver Catálogo – 3.2, 3.3, 3.7 e 3.13).

Outra Irmandade de extrema importância em Santa Maria foi a da Santa Casa da Misericórdia. O seu carácter assistencial e devocional levou à incorporação de muitos indivíduos nomeadamente os de elevada condição social. Os retábulos da antiga igreja da Misericórdia, encontram-se a ser restaurados, e não se acham aqui recenseados porque não foi possível fotografá-los, por se encontrarem no “CECRA - Centro de Estudo Conservação e Restauro dos Açores, em Angra do Heroísmo”.

Finalmente, temos os instituidores particulares ou privados que tanto podiam pertencer ao clero secular ou regular, como à sociedade civil. Assim, quanto à encomenda de retábulos por instituidores privados, em Santa Maria podemos citar três:

O primeiro foi mandado executar pelo capitão Manuel Curvelo da Costa, almoxarife da Fazenda Real, mercador e armador e sua esposa, Maria Jácome de Macedo. A capela foi instituída em 1652 com o nome de “Capela das Almas” (ver Apêndice Fotográfico – Figura 9), a fim de nela serem sepultados, bem como os seus familiares ⁴⁵, e encontrava-se na parede do lado direito da nave da igreja do antigo convento de Nossa Senhora da Vitória ou de São Francisco. Em 1675 ⁴⁶ foi destruída por piratas da Barbária. Atualmente no local encontra-se a Capela de Santo António,

⁴⁵ AA.VV., 2018: 474.

⁴⁶ ARQUIVO dos AÇORES, 1959: 413.

com retábulo correspondente (ver Catálogo – 3.6). No pavimento existem lajes tumulares, com inscrições praticamente indecifráveis e pensa-se que talvez pertençam à sepultura do capitão e família;

O segundo diz respeito ao retábulo principal da igreja do recolhimento de Santa Maria Madalena, mandado executar pelo padre António Curvelo Delgado, a 2 de outubro de 1717 (ver Catálogo – 3.9);

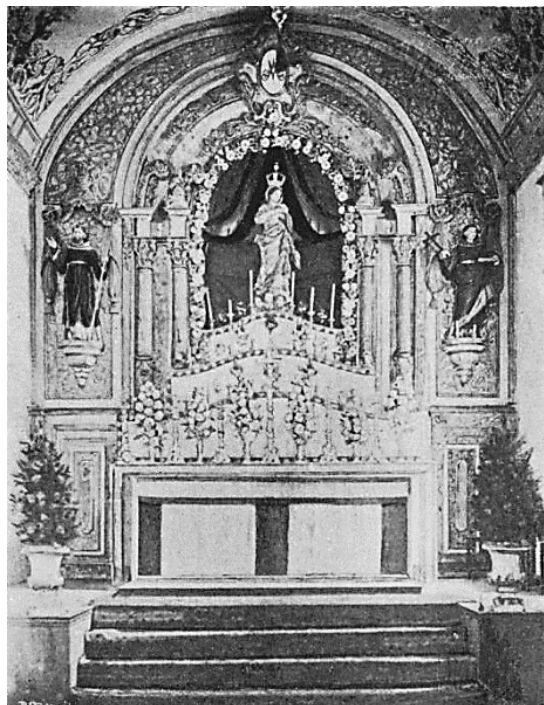
O terceiro refere-se ao retábulo principal da ermida de Nossa Senhora da Glória, mandado efetuar por um devoto, que terá oferecido uma certa quantia de dinheiro para que fosse construído um altar em honra da Senhora da Glória. Teria dito que seria efetuado com pedra do Monte Gordo (local que encontra-se relativamente próximo da ermida) (ver Catálogo – 3.15). Não é conhecido a identificação do caritativo.

2.3 – Usos e Funções

Ainda que alguns retábulos, nomeadamente os de maior relevância, possam ter desempenhado mais do que uma função, era frequente limitarem-se a uma finalidade cultural específica. Nos casos em que coexistem mais funções, uma era dominante, em geral para exposição solene do Santíssimo Sacramento, existindo nichos nos tramos laterais destinados a representações escultóricas de santos da devoção dos fiéis. De seguida, analiso os três usos ou funções mais frequentes na retabulária da ilha de Santa Maria, para representação de imagens ou episódios de santidade que conheceram maior êxito devocional entre as populações marienses.

Retábulos eucarísticos

Estes exemplares surgiram na sequência do Concílio de Trento. Em Santa Maria, o isolamento, os ataques de piratas e corsários e perdas devidas a fatores históricos, fizeram que entre os séculos XV a XVIII imensas fontes documentais tenham sido destruídas. Assim, nada sabemos acerca deste tipo de retábulos, apenas temos uma única



Retábulo principal de Nossa Senhora da Vitória – (ver Figura 10)

fotografia de um “Álbum Açoriano, 1903”⁴⁷, onde mostra o retábulo principal que existiu na igreja do antigo convento de Nossa Senhora da Vitória, em Vila do Porto, talvez edificado após a campanha de reconstrução efetuada em 1725, por iniciativa de Frei Agostinho de São Francisco⁴⁸. A maior parte do ano, a boca do camarim era ocupada por uma tela pintada amovível com a representação do orago. Nos *Jubileus* ou *Lausperenes*, esta tela era retirada e no trono colocava-se uma custódia com a hóstia consagrada e procedia-se à

⁴⁷ Extinto Convento dos Franciscanos, 1903: 258 e 259.

⁴⁸ FIGUEIREDO, 1990: 46

à exposição solene do Santíssimo Sacramento. Estas cerimónias, de grande significado litúrgico, eram promovidas nas igrejas matrizes ou paroquiais pelas Confrarias ou Irmandades do Santíssimo Sacramento, existentes obrigatoriamente em todas as freguesias. Nas igrejas monástico-conventuais o culto solene ao Santíssimo era promovido pelos responsáveis da comunidade religiosa, realizando-se estes exercícios espirituais maioritariamente nas capelas-mores. Atualmente, só apenas três igrejas matrizes ou paroquiais possuem retábulos eucarísticos, mas todos são revivalistas (ver Apêndice Fotográfico – Figuras 1, 27 e 30).

Retábulos devocionais a um só tema

Em Santa Maria foram os exemplares com maior aceitação da clientela, acentuando-se o seu uso nos finais do século XVII, primeira metade do século XVIII.

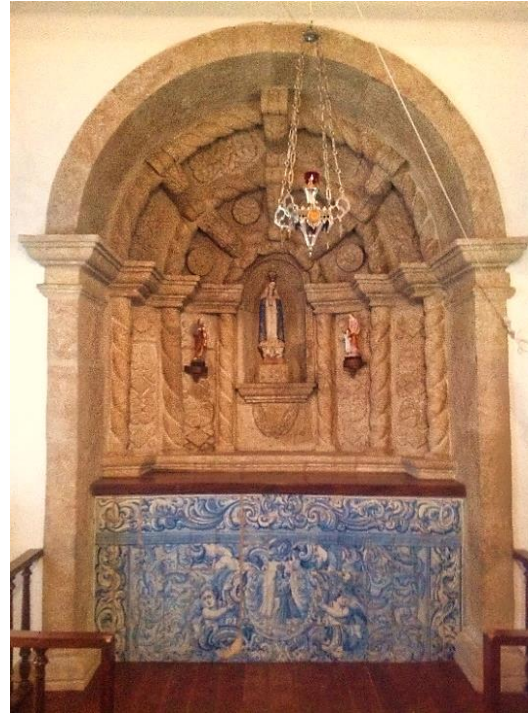
Estes podiam ser cristíferos (cujo culto predominante é ao Senhor Crucificado, também designado por Santo Cristo ou Senhor Jesus), marianos (onde o culto é predominante as devoções à Virgem Maria. Aqui de entre os vários títulos com que é enumerada temos: Imaculada Conceição, Nossa Senhora do Carmo, da Purificação, das Dores, etc...) e hagiográficos (que tinham imagens de santos, tendo maior aceitação São Pedro Gonçalves Telmo, Santa Maria Madalena, Santa Teresinha do Menino Jesus, etc...).

Estes retábulos adquiriram a composição de corpo único e um só tramo, onde na parte central da composição registava-se a existência de uma tribuna ou de um nicho ocupado normalmente pela representação escultórica de vulto perfeito do orago.

Como testemunhos aponto os retábulos da igreja matriz de Nossa Senhora da Assunção, em Vila do Porto (ver Catálogo – 3.2 e 3.3), da igreja do antigo convento de Nossa Senhora da Vitória ou de São Francisco, em Vila do Porto (ver Catálogo – 3.6), da igreja do recolhimento de Santa Maria Madalena, em Vila do Porto (ver Catálogo – 3.9), da ermida do Corpo Santo ou do São Pedro Gonçalves Telmo, em Vila do Porto (ver Catálogo – 3.13) e da ermida de Nossa Senhora da Glória, em Santo Espírito (ver Catálogo – 3.15).



Retábulo do Santíssimo Sacramento – (ver 3.2)



Retábulo de Nossa Senhora da Glória – (ver 3.15)

Retábulos devocionais a três temas

Aqueriram a composição de corpo único e três tramos. Tal como os anteriores,

estes retábulos podiam ser cristíferos, marianos e hagiográficos. Tiveram menor aceitação do que anteriores. Em toda a ilha existem apenas cinco exemplares. A composição tripartida aqui utilizada permite a exposição da imagem do orago na parte central e nos tramos laterais, imagens de devoção secundárias e normalmente de menores dimensões, sendo todas elas de devoção da entidade responsável pela sua administração. Como testemunho aponto o retábulo da ermida de Nossa Senhora dos Anjos, em Vila do Porto (ver Catálogo – 3.11) e (ver Apêndice Fotográfico – Figuras 1, 18, 27 e 30).



Retábulo de Nossa Senhora dos Anjos – (3.11)

2.4 – Iconografia

Os símbolos iconográficos existentes nos retábulos marienses, inserem-se na prática católica romana e particularmente portuguesa, e podem estar associados ao orago, à entidade responsável pela sua encomenda e patrocínio e ainda a temas religiosos.

Deste modo, o orago existente num determinado retábulo era escolhido pela entidade responsável pela sua administração, fazendo que os instituidores de capelas particulares tivessem maior liberdade na escolha do orago que instituía. Respeitante a representação figurativa do orago, colocada no centro da composição retabular, maioritariamente em escultura de vulto perfeito, era a solução mais usual. Em muitos retábulos, o ático servia como um complemento onde se colocavam alusões ao orago, especialmente em cartelas ou tarjas, como testemunha o retábulo principal da igreja paroquial de São Pedro, em São Pedro (ver Apêndice Fotográfico – Figura 30) e o retábulo do Sagrado Coração de Jesus da igreja matriz de Nossa Senhora da Assunção, em Vila do Porto (ver Apêndice Fotográfico – Figura 2).



Insígnias de São Pedro – (ver Figura 30)



Sagrado Coração de Jesus – (ver Figura 2)

Quanto a retábulos com insígnias relativas à Ordem de São Francisco, única que existiu em Santa Maria, atualmente não existem, mas numa fotografia de 1903 (ver Apêndice Fotográfico – Figura 10), podemos visualizar que o retábulo principal que existia na igreja do convento nessa data, também não as possuía, pois no ático encontramos uma cartela com o monograma de Maria.

(Montealverne, 1960: 91) argumenta que, “É este convento dedicado à Virgem Santíssima da Vitória Nossa Senhora, cuja imagem veio do nosso convento da cidade de Ponta Delgada, onde, venerada muito do povo e chegando a esta ilha, do porto foi levada em procissão, com universal aplauso do povo, e colocada no altar-maior, como padroeira deste convento e singular advogada de todos”.

Talvez seja esta uma das razões da não existência das insígnias franciscanas no ático do retábulo principal, mas o monograma da padroeira do convento.



Monograma da Virgem Maria – (ver Figura 10)

Refiro, agora, alguns temas mais genéricos, nomeadamente símbolos eucarísticos (cachos de uvas, espigas de trigo, fénix, etc.), figuras de virtudes (Fé, Esperança, Caridade, etc.) e invocações naturalistas, sendo as mais frequentes: a folhagem de cardo (tormentas), as flores (esperanças), os frutos (obras), as folhas (palavras) as rocalhas ou concheados (interioridade, domínio íntimo feminino), etc.

De entre as quatro freguesias, existentes no século XVIII em Santa Maria, foi comum a todas a devoção ao Santíssimo Sacramento.

Quanto à temática mariana, foram múltiplas as devoções adotadas, a seguir referenciadas, por ordem alfabética: Nossa Senhora das Almas, dos Anjos, da Assunção, do Bom Despacho, do Carmo, da Conceição, das Dores, da Glória, de Lourdes, da Natividade, do Pilar, da Purificação, do Sagrado Coração de Maria, da Vitória, etc.

Muito frequentes foram também as devoções hagiográficas, igualmente dispersas por vários temas: Santa Ana, Santo António, Santa Bárbara, São Brás, São Cosme, São Damião, São Francisco de Assis, São João Nepomuceno, São José, Santa Luzia, Santa Maria Madalena, São Matias, São Pedro Apóstolo, São Pedro Gonçalves Telmo, Santa Teresinha do Menino Jesus, etc.

Em pequeno número foram os temas ligados à figura de Cristo, apontando-se como exemplos: Jesus Crucificado, Menino Jesus, Sagrado Coração de Jesus, Senhor Flagelado, Senhor Santo Cristo dos Milagres, etc.

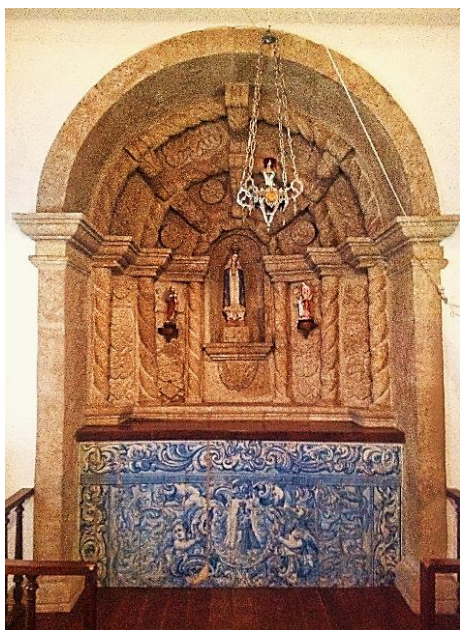
Por fim, refiro ainda o culto ao Divino Espírito Santo, etc.

2.5 – Materiais e Técnicas

Vários eram os materiais e técnicas que podiam ser utilizados na execução de um retábulo, podendo variar de localidade para localidade, consoante as matérias-primas tradicionalmente utilizadas e a mão-de-obra profissional disponível.

Os retábulos inventariados neste trabalho são todos de madeira, à exceção do retábulo principal da ermida de Nossa Senhora da Glória, do início do século XVIII e da freguesia de Santo Espírito (ver Catálogo – 3.15) e o da ermida de Nossa Senhora do Pilar, do século XIX e da freguesia de São Pedro (ver Apêndice Fotográfico – Figura 32), ambos construídos em pedraria.

A maioria da clientela mariense recorreu sistematicamente à madeira, sendo as de maior preferência a acácia (*acacia melanoxylon*) e o cedro (*juniperux oxycedrus*) ambas de origem local, no qual a primeira era usada sobretudo no entalhe e a segunda na imaginária retabular. A sua larga utilização ficou a dever-se ao facto de se tratar de uma matéria-prima abundante, de custos reduzidos e de fácil transporte. Por ser um material muito procurado, fez que existisse um grande número de profissionais a ela ligado, tais como: entalhadores, imaginários, escultores, marceneiros ou ensambladores e carpinteiros.



Retábulo de Nossa Senhora da Glória – (ver 3.15)



Retábulo de Nossa Senhora do Pilar – (ver Figura – 32)

Convém referir que os dois retábulos de pedraria já anteriormente divulgados, têm

as partes frontais das suas mesas de altar, com painéis de azulejaria, o que demonstra que existe em Santa Maria retábulos com mais do que um material construtivo.

Quanto ao ouro este era proveniente da região de Minas Gerais no Brasil, e chegava a Santa Maria em condições de ser aplicado, isto é, já com os quilates necessários e em livros, tendo sido previamente preparados pelos bate-folhas em Lisboa.

Respeitante às técnicas, eram bastante diversas, no entanto destacamos aqui as mais importantes e que se inseriam nos vários processos porque passavam as obras (o *risco* ou *traça*, o entalhe, e os acabamentos).

Antes de um retábulo ser executado, realizavam-se vários esboços que resultavam no *risco*, ou seja, o projeto da obra a realizar. Eram desenhos executados num papel, normalmente com tinta preta.

Qualquer *curioso*, que tanto podia ser nobre, clérigo, mercador, etc.,⁴⁹ podia fazer um *risco*, no entanto é possível indicar as duas situações mais vulgares: os encomendadores mais abastados, como os da nobreza ou da alta burguesia, solicitavam o projeto a um arquiteto ou engenheiro; noutros casos, era exposto o que se pretendia ao próprio artista que executava o retábulo e este desenhava no papel o desejado.

Tendo a madeira necessária, o mestre entalhador procedia ao entalhe dos vários elementos que compunham o retábulo. Seguidamente transportava-os para o local de destino e aí montava-o.

Finalmente recorria-se aos acabamentos, que na maioria das vezes ficavam confiados aos douradores e pintores. Em Santa Maria, temos apenas uma situação documentada e como tal vale a pena referir. Em 1841 o douramento e a pintura do

⁴⁹ LAMEIRA, 2005: 46.

retábulo principal da igreja do recolhimento de Santa Maria Madalena, em Vila do Porto foi realizado pelos mestres Domingos António Cândido de Barros Albuquerque e São Paio e por Leandro Joaquim Ferreira ⁵⁰.

Quanto aos marmoreados, foi uma técnica de pintura bastante utilizada em Santa Maria de feitura novecentista e que teve como objetivo imitar os materiais pétreos.

Em relação aos retábulos remanescentes, prevaleceram os dos finais do século XVII, primeira metade do século XVIII, onde os acabamentos eram predominantemente dourados, no entanto, devido a remodelações efetuadas no século XX, alguns começaram a apresentar superfícies policromadas fingindo marmoreados de várias cores, como é possível ver no retábulo principal da igreja do recolhimento de Santa Maria Madalena (ver Catálogo – 3.9) e no retábulo de Nossa Senhora do Carmo da igreja matriz de Nossa Senhora da Assunção ambos em Vila do Porto (ver Catálogo – 3.3).



Pormenor do retábulo de Sta. Maria Madalena – (ver 3.9)

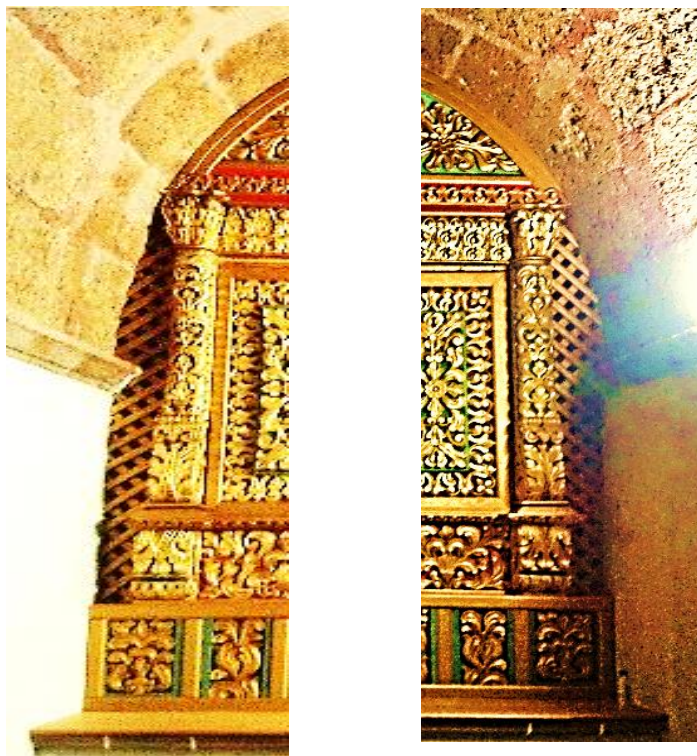


Pormenor do retábulo de Nossa Senhora do Carmo – (ver 3.3)

Atendendo a que os retábulos eram então considerados como um equipamento litúrgico e arquitetónico de grande importância, eles preenchem na grande maioria das situações a totalidade das paredes testeeiras dos locais onde eram inseridos. Convém, no entanto, esclarecer que os responsáveis religiosos pretendiam obter um maior envolvimento dos fiéis e para tal complementavam os espaços contíguos aos retábulos com outras modalidades artísticas, como se pode testemunhar no retábulo do Santo

⁵⁰ FERREIRA, 2004: 30.

Sepulcro da igreja do antigo convento de Nossa Senhora da Vitória, em Vila do Porto (ver Catálogo – 3.5), onde, nas ilhargas existem quadriculas de madeira dourada, para deste modo se efetuar o preenchimento total da parede testeira da capela.



Pormenor da quadricula de madeira dourada , do lado do Evangelho e da Epístola – (ver 3.5)

Outras manifestações artísticas, complementares nos retábulos e que importa aqui referir pelas técnicas de pintura que utilizavam, estavam relacionadas com a imaginária, onde eram aplicadas a encarnação e o estofamento, como é possível observar nas seguintes imagens escultóricas de vulto perfeito (ver Apêndice Fotográfico – Figuras 2, 13 e 15).

(COELHO, 2005, 238) argumenta que, “[...] o que chamamos policromia está dividido em duas partes: a carnação, cujo nome vem de carne, ou seja, pintura da anatomia aparente da figura, quando se dá a cor da pele no rosto e nas mãos, e o estofamento, que é a imitação dos tecidos de lã, algodão ou seda, significando pintura que imita os tecidos de uma determinada época, feita em várias camadas”.

2.6 – Tipologias e Modelos Compositivos

A partir do património retabular remanescente em Santa Maria apresento seguidamente e por ordem decrescente da sua aplicação, as diversas tipologias e modelos compositivos usados.

Corpo único e um só tramo

Em Santa Maria, esta tipologia foi a que teve maior aceitação da clientela, tendo sido utilizada apenas em retábulos devocionais a um só tema. Em relação ao número de elementos arquitetónicos que envolvem o intercolúnio assiste-se a uma grande diversidade de soluções, podendo inscrever-se entre catorze elementos, sete de cada lado (ver Catálogo – 3.9); doze elementos, seis de cada lado (ver Catálogo – 3.2); dez elementos, cinco de cada lado (ver Catálogo – 3.13) e oito elementos, quatro de cada lado (ver Catálogo – 3.3), todos em perspetiva côncava.

Nos casos mais simples em perspetiva plana ou reta, regista-se somente uma coluna ou pilastra de cada lado, ou uma pilastra e coluna de cada lado, como ocorre no retábulo do Sagrado Coração de Jesus da igreja paroquial de Santa Bárbara, em Santa Bárbara (ver Apêndice Fotográfico - Figura 29).

Corpo único e três tramos

Teve alguma aceitação, constituindo juntamente com a tipologia anterior a larga maioria do património retabular ainda subsistente.

Foi geralmente usada nos retábulos devocionais a três temas e em retábulos eucarísticos. Atendendo a que apresentam uma composição tripartida, era frequente os intercolúnios estarem inseridos entre dois elementos arquitetónicos (colunas ou pilastras), um de cada lado. Como exemplos aponto o retábulo principal da ermida de Nossa senhora dos Anjos, em Vila do porto (ver Catálogo – 3.11; o retábulo eucarístico da igreja matriz de Nossa Senhora da Assunção, em Vila do Porto (onde os intercolúnios inscrevem-se entre duas colunas, uma de cada lado)(ver Apêndice Fotográfico – Figura 1); o retábulo eucarístico da igreja paroquial de São Pedro, em São Pedro, (com a mesma

solução arquitetónica do anterior)(ver Apêndice Fotográfico – Figura 30) e o retábulo eucarístico da igreja paroquial de Santa Bárbara, em Santa Bárbara (onde o intercolúnio central inscreve-se entre duas pilastras, uma da cada lado, enquanto que nas extremidades dos tramos laterais existem duas pilastras)(ver Apêndice Fotográfico – Figura 27).

Retábulos com *arco*

Teve muito pouca aceitação, registando-se em toda a ilha apenas um exemplar. Trata-se de um retábulo setecentista. A composição do *arco*, ainda que estreitamente relacionada com a do retábulo propriamente dito, diferencia-se deste, usando elementos arquitetónicos parcialmente diferenciados. O *arco* é o nome dado à ornamentação efetuada em talha que prolonga um retábulo integrado numa capela pouco profunda e deste modo preenche o intradorso e, por vezes, o frontispício da dita capela. Como testemunho, aponto o retábulo principal da ermida do Corpo Santo ou de São Pedro Gonçalves Telmo (ver Catálogo – 3.13).



Retábulo do Corpo Santo ou de São Pedro Gonçalves Telmo – (ver 3.13)

2.7 – Periodização

Os retábulos, primeiro como equipamentos litúrgicos e posteriormente também arquitetónicos, estão associados à mesa do altar, local privilegiado da celebração eucarística. Uma vez que a responsabilidade financeira de construir grande parte dos equipamentos litúrgicos, incluindo os retábulos, cabia ao Erário Régio, justificava-se que só se promovesse a renovação dos exemplares existentes na sequência de calamidades, como ocorreu na Ilha de Santa Maria, constantemente invadida por piratas mouros e corsários ingleses e franceses, especialmente entre os séculos XV a XVII. Devido ao mencionado, a construção de novos retábulos ficou, restrita à clientela que suportava pelos seus próprios recursos financeiros a possibilidade de mandar construir novos exemplares, tendo por principal objetivo adaptar-se às inovações estéticas entretanto surgidas. Já as entidades com menos recursos financeiros limitavam-se a aproveitar retábulos em segunda mão e desatualizados em termos artísticos.

O certo é que de geração em geração, isto é, em períodos de trinta a quarenta anos, era aplicado um novo formulário artístico, sempre oriundo de Lisboa.

2.7.1 – Renascimento

A implementação do cristianismo na ilha de Santa Maria teve maior impacto a partir da criação da diocese de Angra do Heroísmo, a 3 de novembro de 1534. O primeiro retábulo remanescente é um tríptico quinhentista,⁵¹ que dizem ter sido o altar portátil da caravela de Frei Gonçalo Velho⁵². Apresenta pintura figurativa executada talvez por um artista flamengo convertido ao Maneirismo. O tríptico cobre atualmente a totalidade da parede testeira da capela-mor da ermida de Nossa Senhora dos Anjos, em Vila do Porto (ver Catálogo – 3.11) .

⁵¹ FIGUEIREDO, 1990: 83.; DIAS, 2008: 243.

⁵² FIGUEIREDO, 1990: 83.

2.7.2 - Barroco Pleno ⁵³

Em Santa Maria perdurou entre os finais do século XVII e a primeira metade do século XVIII. Os exemplares mais relevantes encontram-se em Vila do Porto e foram possivelmente todos da responsabilidade de mestres locais, decerto ainda formados na época Protobarroca.

Dos retábulos recenseados, existem um total de sete e o único cuja datação está comprovada, é o da capela-mor da igreja do recolhimento de Santa Maria Madalena, contratado em 1717 ⁵⁴. No entanto, o retábulo do Santíssimo Sacramento da igreja matriz de Nossa Senhora da Assunção é anterior pois encontra-se datado dos finais do século XVII, princípios do século XVIII.

Nestes retábulos, a tipologia de mais fácil aceitação foi a de planta em perspetiva côncava, de corpo único e um só tramo, onde os intercolúnios inscreviam-se entre dois



Retábulo do Senhor Santo Cristo dos Milagres – (ver 3.7)

a três pares de colunas torsas com quatro, seis, sete ou oito espiras totalmente revestidas por cachos de uvas, ramos de videira, parras e flores e ático com arcos salomónicos, plenos e concêntricos, cortados transversalmente por aduelas, apontando como exemplo o retábulo do Senhor Santo Cristo dos Milagres da Capela dos Terceiros, em Vila do Porto (ver Catálogo – 3.7).

⁵³ Vulgarmente conhecido por Barroco Nacional, designação dada pelo professor Robert C. Smith na obra *A Talha em Portugal*, 1963. Sobre este assunto vide as seguintes obras do professor Francisco Lameira, *O Retábulo em Portugal, das origens ao declínio*, Revista Promontória Monográfica História da Arte, n.º 1, Faro, Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve e Centro de História da Arte da Universidade de Évora, 2005, pp. 94-98; e “*O Retábulo em Portugal: o barroco pleno (1668-1713)*”, in Revista Promontória do Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve, n.º 2, Faro, Universidade do Algarve, 2004.

⁵⁴ FERREIRA, 2004: 20.

2.7.3 – Revivalismos

Durante a execução desta dissertação, foram registados dezanove retábulos deste período, que principia a meados do século XX e se prolonga até ao início do século XXI. Estes novos retábulos, são quase sempre de reduzida qualidade. Predomina em quase todos a manutenção de tipologias e modelos compositivos preferencialmente setecentistas, reduzindo-se a ornamentação em relevo escultórico a alguns elementos vegetalistas, onde a feitura da maioria destes retábulos adquire um carácter mecânico e com tal, os entalhadores tendem a converter-se em carpinteiros⁵⁵. Se alguns exemplares ainda são dourados, prevalece o recurso ao fingimento de pedrarias policromas. Assim, de entre os múltiplos retábulos revivalistas existentes em Santa Maria aponto: o retábulo das Almas da igreja matriz de Nossa Senhora da Assunção, em Vila do Porto (ver Apêndice Fotográfico – Figura 5) e da igreja paroquial de Santa Bárbara, em Santa Bárbara (ver Apêndice Fotográfico – 27).



Retábulo das Almas. Construído em 1953 – (ver Figura 5)



Retábulo principal da igreja paroquial de Santa Bárbara. Construído no início do século XXI – (ver Figura 27)

⁵⁵ LAMEIRA, 2005: 110.

2.8 – A Complementaridade das Artes

Os templos, no seu interior, despertaram grande atenção na comunidade mariense devido às suas ornamentações. Isto deveu-se ao facto de, num período da nossa história, e no âmbito das sessões do Concílio de Trento, a igreja querer criar um ambiente atrativo que estimulasse os sentimentos dos fiéis. Este ambiente era então conseguido através do olfato com incenso e velas, da audição pela música e da visão por meio das artes decorativas.

No que diz respeito às artes decorativas, os retábulos responderam eficazmente aos propósitos da contra - reforma. Era o expoente máximo de sedução dos crentes, pois surgiram como uma cenografia que embelezava o interior dos templos e como veículo de uma mensagem espiritual e divina.

Assim, os retábulos enquanto equipamentos arquitetónicos e sobretudo litúrgicos, detinham uma importância muito grande, na medida que enquadravam a mesa do altar – local imprescindível no interior para a celebração de invocação a Deus e aos santos e entronização dos *jubileus* ou *Lausperenes*. No entanto, outras manifestações artísticas conjugavam e interagiam com os retábulos, no sentido de atingir plenamente os objetivos de deslumbrar, educar e propiciar os fiéis.

Entre as várias modalidades artísticas destacaram-se em Santa Maria, o azulejo, a talha dourada, a pedraria, a pintura sobre madeira “tríptico” e imagens de vulto perfeito.

Referimos seguidamente os principais exemplares para cada uma das modalidades:

- O azulejo em Santa Maria foi utilizado em quatro templos. Da época seiscentista é de assinalar a capela de Santo António da igreja do antigo convento de Nossa Senhora da Vitória, em Vila do Porto. As paredes laterais encontram-se revestidas por dois painéis figurativos de azulejos padrão, da autoria do arquiteto Baltazar de Castro ⁵⁶. Nelas predominam as cores azul, amarelo e branco, representando no lado do Evangelho Santo António ressuscitando um morto diante da Sé de Lisboa e do lado da Epístola pregando aos peixes (ver Apêndice Fotográfico – Figs. 7 e 8). Na ermida de Nossa Senhora dos

⁵⁶ FIGUEIREDO, 1990: 46.

Anjos, em Vila do Porto, a parte frontal da mesa do altar, encontra-se revestida por azulejos policromos, da segunda metade do século XVII ⁵⁷, de influência oriental, inspirados nos frontais testeis com “aves e ramagens” tendo ao centro um belo medalhão com a imagem de São Brás ⁵⁸, delimitada por sanefa franjada e sebastos, desconhecendo-se a identidade do artista (ver Apêndice Fotográfico – Figura 23). Do século XVIII e na ermida de Nossa Senhora da Glória destaca-se na parte frontal da mesa do altar um painel de azulejos. Estes são azuis e brancos, com marcação de sanefa e sebastos, ricamente decorados com folhagens de acanto e no centro uma cartela com volutas, sustentada por dois anjos e contendo a imagem do orago. Sabe-se que foram colocados no frontal da mesa entre 1730 a 1735 e que vieram de Lisboa ⁵⁹, desconhecendo-se a identidade do artista (ver Catálogo – 3.15) e por fim apontamos a parte frontal da mesa de altar da ermida de Nossa Senhora do Pilar, em São Pedro. O frontal é composto por um painel de azulejos setecentista, azuis e brancos, com marcação de sanefa e sebastos, abundantemente decorados com folhagens de acanto, em cujo centro se destaca a imagem de Nossa Senhora do Pilar entre os doadores, ajoelhados em oração (ver Apêndice Fotográfico – Figura 32).

- A talha dourada, em Santa Maria foi somente aplicada nos retábulos, ou seja, não chegou a revestir tetos e paredes das capelas. Como exemplos mais significativos saliento o retábulo do Senhor Santo Cristo dos Milagres da capela dos Terceiros, em Vila do Porto (ver Catálogo – 3.7) e o retábulo principal da ermida do Corpo Santo ou de São Pedro Gonçalves Telmo, em Vila do Porto (ver Catálogo – 3.13).

- As obras de pedraria foram pouco frequentes, sendo de destacar o retábulo principal da ermida de Nossa Senhora da Glória, em Santo Espírito (ver Catálogo – 3.15) e o retábulo principal da ermida de Nossa Senhora do Pilar, em São Pedro (ver Apêndice Fotográfico – Figura 32). Apontamos ainda que cada retábulo integra-se num *arco* também de pedraria.

⁵⁷ NOÉ, 2012, www.monumentos.pt.

⁵⁸ DIAS, 1999: 261.

⁵⁹ VALÉRIO (2013) e NOÉ (2015), www.monumentos.pt.

- Respeitante à pintura sobre madeira “tríptico”, encontra-se inserida no retábulo principal da ermida de Nossa Senhora dos Anjos. (ver Catálogo – 3.11).

(DIAS, 1999: 243) argumenta que, “É já uma obra quinhentista, talvez da época manuelina, com uma composição claramente gótica, de um artista de recursos modestos, com dificuldades evidentes quer na modelação e representação do corpo humano quer da composição e da sobreposição de planos. A tábuia central apresenta Nossa Senhora com o Menino Jesus ao colo a ser coroada por dois anjos, enquanto ao lado são visíveis dois anjos músicos de corpo inteiro. As tábuas laterais mostram dois apóstolos, à esquerda do observador, e os santos Cosme e Damião à direita”. (ver Apêndice Fotográfico – Figura 22).

- Quanto as imagens de vulto perfeito, evidencio as que se inserem nos próprios retábulos, principalmente a imagem que se encontra no nicho central do retábulo das Almas da igreja matriz de Nossa Senhora da Assunção, de Vila do Porto (ver Apêndice Fotográfico – figura 5 e 6).

(DIAS, 1999: 241) argumenta que, “É uma escultura de fábrica flamenga, construída em madeira de carvalho, com um metro e dez de altura e representa Nossa Senhora com o Menino Jesus ao Colo. Estamos em presença de uma escultura de grande qualidade plástica, por certo fruto de encomenda específica de algum patrono rico da igreja onde ainda se conserva”.

A imagem é do início do século XVI, ou seja, dos primeiros tempos do povoamento ⁶⁰.

⁶⁰ BORGES, 2002: 43.

2.9 – Produção Artística

Na ilha de Santa Maria, quando se tornava necessário construir um novo retábulo ou proceder à remodelação de um exemplar já desatualizado ou em mau estado, o processo era desencadeado pelos dirigentes das entidades responsáveis pela sua administração, nomeadamente os Mesários das Confrarias ou Irmandades, religiosos do clero regular, do clero secular e muito esporadicamente por instituidores particulares.

Estes retábulos passavam por diferentes fases até chegarem ao produto final, podendo vários indivíduos interferir na execução dos mesmos.

Primeiro era necessário executar o *risco* ou a *traça*, que correspondia a um esboço ou projeto da obra a realizar e era frequente solicitar-se mais do que uma proposta para que houvesse mais possibilidades de escolha. Naturalmente, as entidades mais esclarecidas e com maiores recursos financeiros solicitavam a participação dos profissionais mais credenciados de Vila do Porto ou oriundos das cidades de Ponta Delgada ou de Angra do Heroísmo. Respeitante às duas cidades, a feitura dos *riscos* ou dos projetos eram geralmente efetuados por profissionais com formação erudita (arquitetos, engenheiros e mestres de obras reais), mas tendo em conta os retábulos remanescentes chegamos à conclusão que os *riscos* ou as *traças* foram efetuados por mestreiros ou *mecânicos* provavelmente com oficinas abertas em Santa Maria que satisfizeram a clientela aqui residente, até porque, estes retábulos apresentam características muito próprias, onde existem colunas torsas com três, quatro ou oito espiras e alguns elementos arquitetónicos “pilastras e colunas” sem mísulas ou capiteis,



Retábulo do Santíssimo Sacramento da igreja matriz de N.ª Sr.ª da Assunção, em Vila do Porto – (ver 3.2).

como acontece no retábulo do Santíssimo Sacramento da igreja matriz de Nossa Senhora da Assunção, em Vila do Porto (ver Catálogo – 3.2), ou seja, apesar de pertencerem ao Barroco pleno as suas características formais apresentam parâmetros artísticos fora dos vigentes

daqueles que se encontravam em atividade nos principais centros produtivos do Continente, de Ponta Delgada e Angra.

Aponto, de seguida, as diversas áreas de formação destes profissionais:

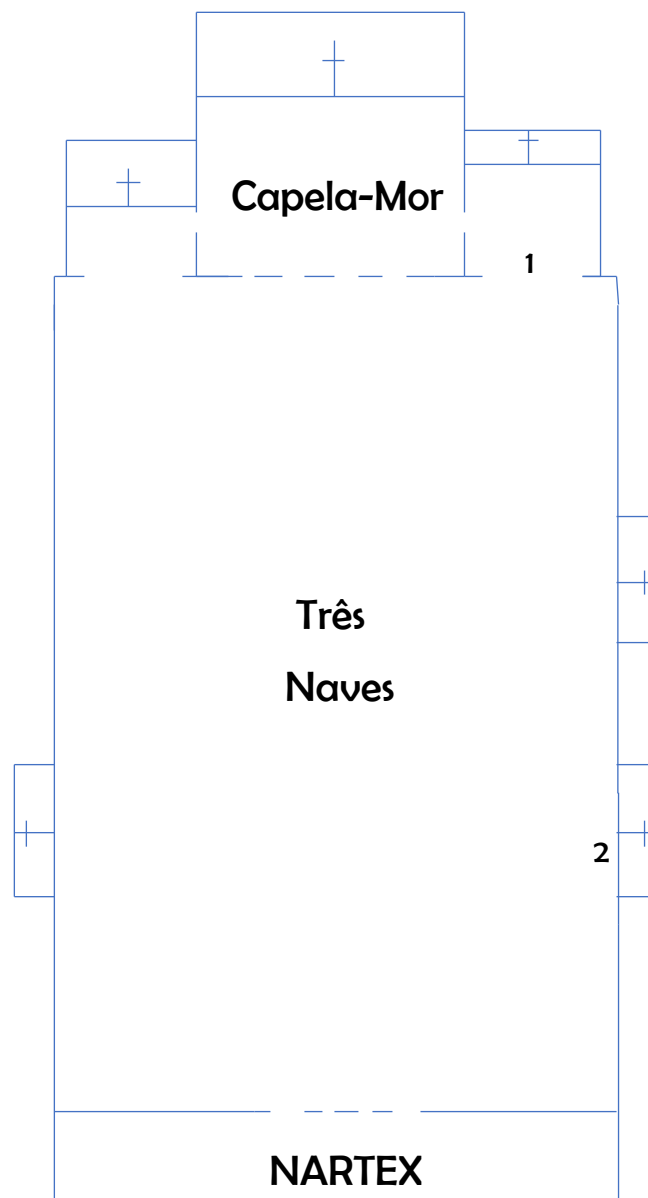
- Mesteirais: entalhadores, escultores, marceneiros ou ensambladores, carpinteiros e pedreiros.
- Mecânicos: douramento e pintura (Domingos António Cândido de Barros Albuquerque e São Paio e Leandro Joaquim Ferreira, ver Catálogo – 3.9).

Tendo em conta o exposto, pode-se deduzir o seguinte:

- Em Santa Maria provavelmente existiram várias oficinas de entalhadores que satisfizeram as necessidades locais, todavia não encontramos documentação de nenhuma, nem nomes de artistas que nelas tenham trabalhado.
- Eram entalhadores desatualizados, alheios às inovações artísticas, nomeadamente devido ao seu isolamento insular.
- Desconhece-se trabalhos de mestres entalhadores de outros centros produtivos.

3 – Catálogo dos Retábulos Recenseados

3.1. Planta da igreja matriz de Nossa Senhora da Assunção de Vila do Porto



Legenda:

1 – Retábulo da cabeceira no lado da Epístola

2 – Retábulo lateral do lado da Epístola



3.2. Vila do Porto – Retábulo do Santíssimo Sacramento da igreja matriz de Nossa Senhora da Assunção

Entalhe: Finais do século XVII / princípios do XVIII

Foto: Carlos Louçã – Outubro 2018

Ocupa a totalidade da parede testeira de uma capela da cabeceira no lado da Epístola. O retábulo foi mandado executar pelos mesários da Confraria do Santíssimo Sacramento, nos finais do século XVII / princípios do XVIII, desconhecendo-se a identidade dos profissionais responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe, provavelmente com oficina aberta em Vila do Porto.

Exemplar devocional a um só tema, que adota uma tipologia muito frequente (a de corpo único e um só tramo) e um modelo compositivo pouco usual (o intercolúnio inscreve-se entre doze elementos arquitetónicos, seis de cada lado). Como especificidade apontamos o facto de alguns elementos arquitetónicos não terem mísula ou capitel.

De madeira entalhada e predominantemente dourada, apresenta planta em perspectiva côncava. No embasamento, com um só registo, existem quatro pares de mísulas sobre os quais assentam oito pilastras ornamentadas por folhas de acanto e por quatro colunas torsas com oito espiras, cujos fustes encontram-se revestidos por cachos de uvas, ramos de videira e parras. Ao centro destaca-se um sacrário tipo templete, ladeado frontalmente por duas colunas decoradas nos fustes com motivos vegetalistas, sustentando remate em cornija, frontalmente com contracurvas, lambrequim e fecho vegetalista, sobreposto por Agnus Dei (Cordeiro de Deus). Na porta tem uma Custódia esculpida em baixo-relevo, e na base desta à esquerda existem também em baixo relevo, espigas de trigo e à direita um ramo de videira com dois cachos de uvas, elementos todos ligados a Jesus Cristo. O sacrário é de uma época muito posterior e foi colocado no retábulo na Vigília Pascal de 1955. Sobre o entablamento contínuo desenvolve-se o ático, composto por quatro arquivoltas e dois arcos salomónicos, plenos e concêntricos, cortados transversalmente por três aduelas. A mesa do altar é paralelepípedica e encontra-se completamente coberta por um tecido adamascado de cor amarelo cré. O retábulo encontra-se em bom estado de conservação.

Bibliografia essencial:

BORGES, 2002: 31 e 48; NOÉ, 2016, «www.monumentos.pt».



3.3. Vila do Porto – Retábulo de Nossa Senhora do Carmo da igreja matriz de Nossa Senhora da Assunção

Execução: Antes de 1766

Foto: Carlos Louçã – Outubro 2018

Ocupa a totalidade da parede testeira de uma capela da nave no lado da Epístola. Foi mandado executar pelos responsáveis pela Confraria da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, antes de 1766 (ARRUDA, 1947: 468), desconhecendo-se a identidade dos profissionais que conceberam e executaram a obra, provavelmente com oficina aberta em Vila do Porto.

Exemplar devocional a um só tema, que adota uma tipologia relativamente frequente (a de corpo único e um só tramo) e um modelo compositivo relativamente frequente (o intercolúnio inscreve-se entre oito elementos arquitetónicos, quatro de cada lado). Como especificidade apontamos a facto de existirem elementos arquitetónicos sem mísula.

De madeira entalhada, dourada e pintada nas suas bases de azul e vermelho, apresenta uma planta em perspetiva côncava. O embasamento é composto por seis mísulas, destacando-se no eixo da composição um registo com ornatos vegetalistas. No corpo há quatro pilastras ornadas de acantos e cachos de uvas e quatro colunas torsas, com quatro espiras, encontrando-se os seus fustes com cachos de uvas e parras. No centro destaca-se um nicho, em arco de volta perfeita, com a boca rendilhada, e albergando a imagem de vulto perfeito do orago. O entablamento restringe-se aos elementos arquitetónicos, sendo o ático composto por duas arquivoltas e por dois arcos salomónicos, plenos e concêntricos, cortados transversalmente por três aduelas.

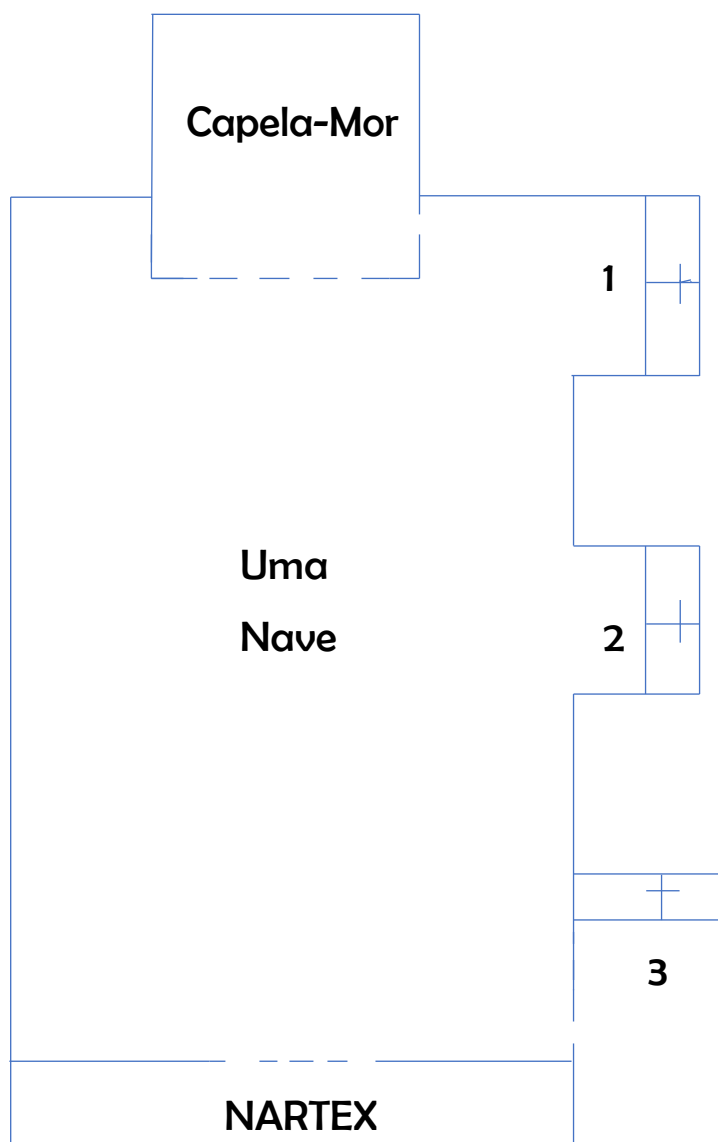
Por sua vez o *arco* da capela é também composto por madeira entalhada, e encontra-se integralmente revestido por ornatos vegetalistas de acantos. Assente em pilastras interligadas por uma arquivolta plena do mesmo tipo estrutural é interrompido na parte central com a inscrição "NS do / Carmo/ 1758", e o fecho sobreposto por uma palmeta.

Encontra-se em bom estado de conservação, referindo-se no entanto que o *arco*, a base frontal e o altar são de feitura novecentista revivalista, como resultado da remodelação efetuada no retábulo em 1951 (BORGES, 2002, p.46).

Bibliografia essencial:

BORGES, 2002: 46 e 47; ARRUDA, 1947: 468; AA.VV., INVENTÁRIO DO PATRIMÓNIO DOS AÇORES, 2005: 191; FIGUEIREDO, 1990: 49; NOÉ, 2016, «www.monumentos.pt».

3.4. Planta da igreja do antigo convento franciscano de N. Senhora da Vitória de Vila do Porto



Legenda:

- 1 – Retábulo lateral do lado da Epístola
- 2 – Retábulo lateral do lado da Epístola
- 3 – Retábulo da Capela-Mor dos Terceiros



3.5. Vila do Porto – Retábulo do Santo Sepulcro da igreja do antigo convento de Nossa Senhora da Vitória

Execução: Finais do século XVII

Foto: Carlos Louçã – Outubro 2018

Preenche a totalidade da parede testeira de uma capela situada na nave no lado da Epístola. Foi adquirido pelos responsáveis da comunidade conventual em 1822, para ser colocado na Capela do Santo Sepulcro, aproveitando a data em que foram realizadas obras de reabilitação na igreja (NOÉ, 2015). Desconhece-se o local de origem assim como a identidade dos artistas intervenientes, nomeadamente na conceção do *risco* e entalhe.

Exemplar devocional a um só tema, que adota uma tipologia muito frequente (a de corpo único e três tramos) e um modelo compositivo bastante usual (os intercolúnios inscrevem-se entre pilastras uma de cada lado). Como especificidade aponta-se o facto de os elementos arquitetónicos serem retos nas bases e circulares junto aos capitéis.

De madeira entalhada e dourada, apresenta planta plana ou reta e compõe-se de embasamento com duplo registo, composto por dois pares de mísulas decoradas por elementos fitomórficos vazados. No corpo há quatro elementos arquitetónicos também com profusa decoração fitomórfica vazada e diferenciados no terço inferior. No centro, no interior do emolduramento retangular também com decoração fitomórfica vazada encontra-se a imagem de vulto perfeito, do Senhor Crucificado. O entablamento é contínuo e o ático desenvolve-se a partir deste, apresentando uma composição tripartida. Possui um remate adaptado ao perfil da cobertura, com cornija integrando uma tabela retangular, formada por dois apainelados com decoração fitomórfica vazada.

Nas ilhargas do retábulo existem quadriculas de madeira dourada, para deste modo se efetuar o preenchimento total da parede testeira da capela.

A mesa de altar, está em fase de restauro, fora da igreja. Encontra-se em bom estado de conservação, pois foi recentemente intervencionado, mas tem uma policromia desajustada e anacrónica, tanto no corpo do Senhor Crucificado como na talha.

Bibliografia essencial:

AA.VV., 1976: 575; AA. VV., INVENTÁRIO DO PATRIMÓNIO IMÓVEL DOS AÇORES, 2005: 179; NOÉ, 2015, «www.monumentos.pt».



3.6. Vila do Porto – Retábulo de Santo António da igreja do antigo convento de Nossa Senhora da Vitória

Entalhe: Após 1725

Foto: Carlos Louçã – Outubro 2018

Preenche a maior parte da parede testeira de uma capela da nave no lado da Epístola. É provável ter sido mandado executar, pelos responsáveis da comunidade conventual dos religiosos franciscanos após 1725, data da reconstrução deste convento (FIGUEIREDO, 1990, P.46), desconhecendo-se a identidade dos profissionais intervenientes pelo *risco* e pelo entalhe, provavelmente com oficina sediada em Vila do Porto.

Exemplar devocional a um só tema, que adota uma tipologia muito frequente (a de corpo único e um só tramo) e um modelo compositivo pouco usual (o intercolúnio inscreve-se entre doze elementos arquitetónicos, seis de cada lado). Como especificidade apontamos o facto de alguns elementos arquitetónicos não terem mísula e capitel.

De madeira entalhada, dourada e pintada de verde, amarelo e rosa, apresenta uma planta em perspetiva côncava. O embasamento, com um só registo, é composto por quatro pares de mísulas, destacando-se no eixo central da composição um sacrário, ladeado frontalmente por duas colunas torsas diferenciadas no terço inferior e por dois registos laterais com ornatos vegetalistas. No corpo há oito pilastras ornadas de acantos e quatro colunas torsas, com seis espiras, encontrando-se os seus fustes com cachos de uvas, parras e flores. No centro destaca-se um nicho, em arco de volta perfeita, com a boca rendilhada, aguardando a conclusão total do restauro para receber uma tela alusiva ao orago, tela esta já restaurada. O entablamento restringe-se aos elementos arquitetónicos, sendo o ático composto por quatro arquivoltas e dois arcos salomónicos, plenos e concêntricos, cortados transversalmente por três aduelas.

A mesa de altar oitocentista, é de tipo urna e encontra-se frontalmente decorada com efeitos pictóricos.

As paredes laterais encontram-se revestidas por dois painéis figurativos de azulejos de padrão seiscentistas, da autoria do arquiteto Baltazar de Castro (FIGUEIREDO, 1990, p. 46). Neles predominam as cores azul, amarelo e branco, representando no lado do

Evangelho Santo António ressuscitando um morto diante da Sé de Lisboa e do lado da Epístola Santo António pregando aos peixes.

Na parede, à direita do arco de comunicação com a capela, existe uma lápide com a inscrição: “CAPELA D / AS ALMAS Q FV / DOV O CAPITAO MA / NOEL CVRVELO DA / COSTA E SVA MER MA / IACOME. 1652.”.

No pavimento existem pedras tumulares, que se supõe pertencerem à sepultura do Capitão Manuel Curvelo da Costa e família.

Após uma primeira intervenção de limpeza e consolidação, o retábulo aguarda agora os trabalhos de reposição da talha e pintura.

Bibliografia essencial:

AA.VV.,1976: 575; ALMEIDA e BELO, 2006: 203; AA. VV., INVENTÁRIO DO PATRIMÓNIO DOS AÇORES, 2005: 178 e 179; FIGUEIREDO, 1990: 46; NOÉ, 2015, <www.monumentos.pt>



3.7. Vila do Porto – Retábulo do Senhor Santo Cristo dos Milagres da capela dos Terceiros

Execução: Após 1725

Foto: Carlos Louçã – Outubro 2018

Preenche praticamente a totalidade da parede testeira da Capela dos Terceiros, anexa ao antigo convento de Nossa Senhora da Vitória. É desde 1971 administrada pela Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres (info@igrejaacores.pt). O retábulo foi mandado executar, pelos responsáveis da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, após 1725. Desconhece-se a identidade dos profissionais que conceberam e executaram a obra, provavelmente com oficina aberta em Vila do Porto.

Exemplar devocional a um só tema, que adota uma tipologia muito frequente (a de corpo único e um só tramo) e um modelo compositivo pouco usual (o intercolúnio inscreve-se entre doze elementos arquitetónicos, seis de cada lado). Como especificidade apontamos o facto de alguns elementos arquitetónicos não terem mísula e/ou capitel e a imagem do orago ter sido executada no século XX, na cidade de Guimarães (info@igrejaacores.pt).

De madeira entalhada, dourada e pintada nas suas bases de verde oliva e vermelho, apresenta uma planta em perspetiva côncava. No embasamento, com um só registo, existem quatro pares de mísulas sobre os quais assentam oito pilastras ornamentadas por folhas de acanto e por quatro colunas torsas com sete espiras, cujos fustes encontram-se revestidos por cachos de uvas, parras e flores. No centro destaca-se um nicho, em arco de volta perfeita, com a boca rendilhada, e albergando a imagem do Senhor Santo Cristo, sobre uma peanha. O entablamento restringe-se aos elementos arquitetónicos, sendo o ático composto por quatro arquivoltas e dois arcos salomónicos, plenos e concêntricos, cortados transversalmente por três aduelas. Nas ilhargas da composição retabular, existe seis apainelados com pinturas vegetalistas e no centro destes um registo efetuado em madeira entalhada e dourada com decoração fitomórfica, que se prolonga até ao *arco*, numa solução ímpar. Por sua vez, o *arco* da capela é composto por madeira entalhada, dourada e pintada na base de vermelho, encontrando-se revestido por ornatos vegetalistas de acantos. É definido por pilastras assentes em pedestais e rematada por



uma arquivolta plena, no centro da qual surge o cristograma “IHS”, que significa “Jesus Salvador dos Homens”.

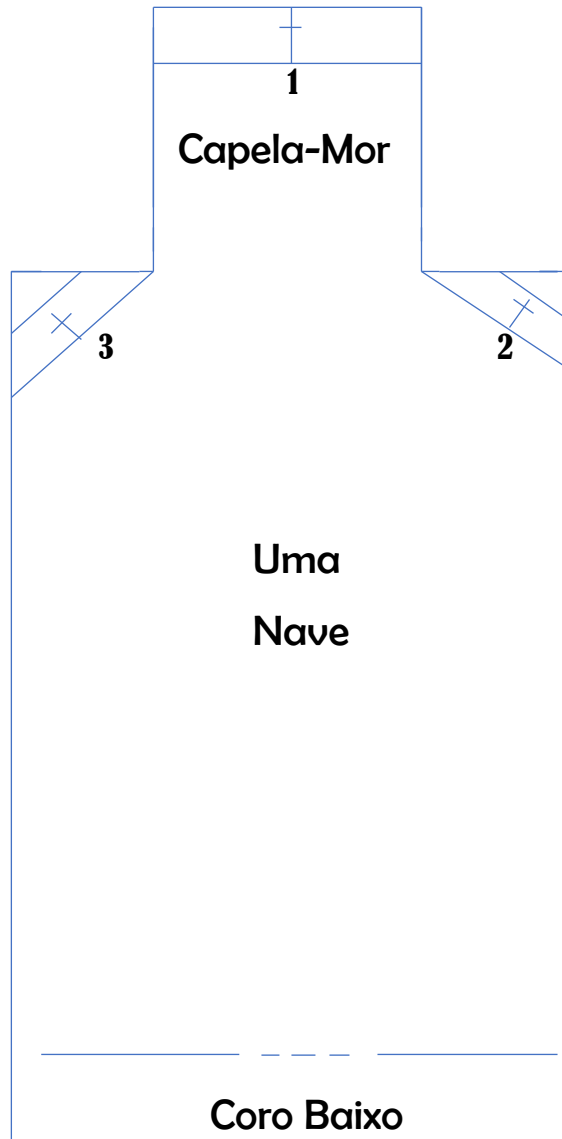
A mesa de altar é de tipo urna e encontra-se pintada a esponjado azul, como se observa na imagem.

O retábulo encontra-se em razoável estado de conservação, apresentando aqui e ali falta de alguns elementos da talha, nas espirais das colunas torsas, nos capiteis e no ático.

Bibliografia essencial:

Igreja dos Açores Informa: info@igrejaacores.pt; AA.VV., INVENTÁRIO DO PATRIMÓNIO DOS AÇORES, 2005: 179; NOÉ, 2015, «www.monumentos.pt».

3.8. Planta da igreja do recolhimento de Santa Maria Madalena de Vila do Porto



Legenda:

- 1 – Retábulo da Capela-Mor
- 2 – Retábulo lateral do lado da Epístola
- 3 – Retábulo lateral do lado do Evangelho



3.9. Vila do Porto – Retábulo principal da igreja do recolhimento de Santa Maria Madalena

Entalhe: 1717; douramento e pintura: 1841 – Domingos António Cândido de Barros Albuquerque e São Paio e Leandro Joaquim Ferreira

Foto: Carlos Louçã – Outubro 2018

Ocupa a totalidade da parede testeira da capela-mor. Foi mandado executar pelo sétimo padroeiro, o padre António Curvelo Delgado. A 2 de outubro de 1717, fez uma escritura pública notarial com o intuito de finalizar o retábulo e nele se construir um sacrário (FERREIRA, 2004, p. 20). Por sua vez o douramento e pintura foram realizadas pelos mestres Domingos António Cândido de Barros Albuquerque e São Paio e Leandro Joaquim Ferreira, em 1841, sendo 40\$000 reis para o primeiro e 30\$000 reis para o segundo (FERREIRA, 2004, pp. 30 e 31). Todavia, desconhece-se a identidade do mestre responsável pelo *risco* e pelo entalhe, provavelmente com oficina aberta em Vila do Porto.

Exemplar devocional a um só tema, que adota uma tipologia frequente (a de corpo único e um só tramo) e um modelo compositivo pouco usual (o intercolúnio inscreve-se entre catorze elementos arquitetónicos, sete de cada lado). Como especificidade apontamos o facto de alguns elementos arquitetónicos não terem mísula e capitel e a existência de duas pequenas peanhas posteriormente colocadas no quarto elemento arquitetónico a contar do nicho.

De madeira entalhada, dourada e pintada de verde, apresenta uma planta em perspetiva Côncava. O embasamento, com um só registo, é composto por cinco pares de mísulas, destacando-se no eixo central da composição em perspetiva convexa um sacrário, apresentando na porta em baixo-relevo a figura do Cordeiro de Deus (Agnus Dei). No corpo há dez pilastras ornadas de acantos e quatro colunas torsas, com seis / sete espiras, encontrando-se os seus fustes sem ornamentação. No centro destaca-se um nicho, em arco de volta perfeita, com a boca rendilhada, albergando a imagem de vulto perfeito de Santa Maria Madalena. O entablamento restringe-se aos elementos arquitetónicos, sendo o ático composto por cinco arquivoltas e dois arcos salomónicos, plenos e concêntricos, cortados transversalmente por três aduelas.

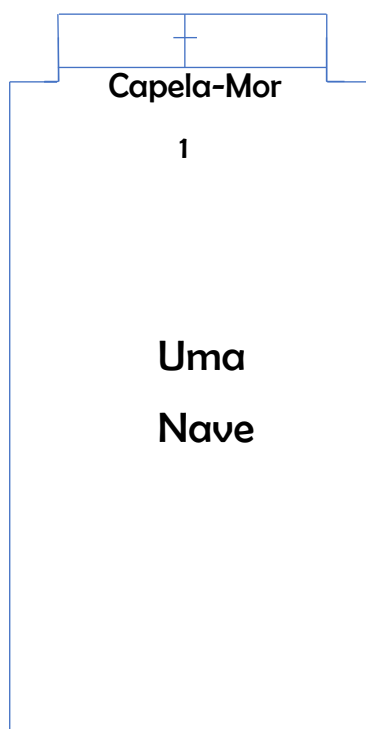
tecido adamascado de cor amarelo cré escuro. Nas ilhargas temos dois painéis pintados a marmoreado.

Encontra-se em bom estado de conservação devido a intervenção de restauro efetuado em 1999 (FERREIRA, 2004, p. 214), apresentando cores desajustadas e anacrónicas.

Bibliografia essencial:

FERREIRA, 2004: 20, 30, 31 e 214; ARQUIVO dos AÇORES, 1956, Vol. XV: 168; VALÉRIO 2013 e NOÉ, 2015, «www.monumentos.pt»; Igreja e Recolhimento de Santa Maria Madalena, (www.inventario.iacultura.pt/smaria/viladoporto_fichas/11_25_108.html); AA.VV., INVENTÁRIO DO PATRIMÓNIO DOS AÇORES, 2005: 187 e 188.

3.10. Planta da ermida de Nossa Senhora dos Anjos de Vila do Porto



Legenda:

1 – Retábulo da Capela-Mor



3.11. Anjos (Vila do Porto) – Retábulo principal da ermida de Nossa Senhora dos Anjos

Execução: Século XVI / finais do século XVII (1679)

Foto: Carlos Louçã – Outubro 2018

Ocupa a totalidade da parede testeira da capela-mor. O tríptico é já uma obra quinhentista, talvez da época manuelina (DIAS, 1999, p. 243), desconhecendo-se a identidade do responsável pela sua conceção.

(Arruda, 1971: 248) argumenta que, “[...] até o anno de 1674 dentro nela não avia mais q. hum retabolo antigo q. se fechava com duas portas, estando e costado na parede e chegava a pregar na tacanissa o qual agora está ensserido no meio do retabolo (tríptico)”.

Em 1679, a parte frontal da mesa de altar foi revestida por azulejos com (6x13) cm oferecidos por Brás de Andrade Velho, Prior de São Cristóvão de Coimbra (DIAS, 1999, p. 261) desconhecendo-se a identidade do artista responsável.

Exemplar devocional a três temas, inserindo-se numa tipologia muito frequente a dos trípticos com painéis figurativos pintados e emoldurados.

De madeira pintada de branco com frisos azuis e o tríptico composto por três painéis pintados sobre madeira, com molduras retangulares douradas, apresenta planta plana ou reta. No painel central destaca-se a representação da Virgem com o menino Jesus ao colo a ser coroada por dois anjos, enquanto lateralmente existem dois anjos músicos. Os painéis laterais mostram-nos dois apóstolos do lado do Evangelho e os mártires São Cosme e Damião do lado da Epístola. O tríptico foi incorporado na parede testeira da capela e integrado numa composição arquitetónica limitada por pilastras e um entablamento contínuo. No remate foi acrescentado no século XVII (NOÉ, 2012) um painel semicircular representando a Sagrada Família e a Adoração dos Reis Magos.

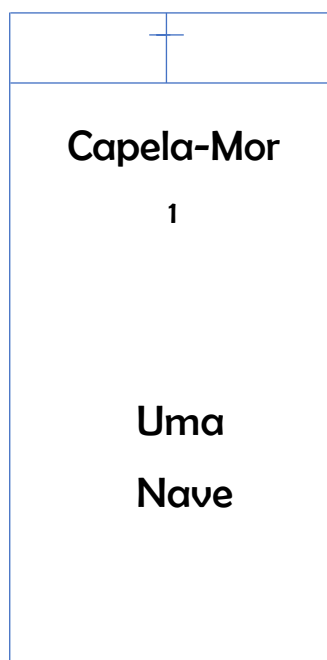
A mesa de altar é paralelepípedica com frontal revestido a azulejos policromos, da 2ª metade do século XVII (NOÉ, 2012), de influência oriental, inspirados nos frontais testeis com “aves e ramagens” tendo ao centro uma cartela com figuração hagiológica, delimitada por sanefa franjada e sebastos.

Encontra-se em razoável estado de conservação. O tríptico apresenta-se muito repintado, o que prejudica enormemente a sua análise, e do lado do Evangelho, está danificado inferiormente e superiormente.

Bibliografia essencial:

ALMEIDA e BELO, 2006: 202; ARRUDA, Anotações ao Livro III das Saudades da Terra do Dr. Gaspar Frutuoso, 1971: 248; AA.VV., INVENTÁRIO DO PATRIMÓNIO IMÓVEL DOS AÇORES, 2005: 167 e 168; FIGUEIREDO, 1990: 45; NOÉ, 2012, «www.monumentos.pt»; DIAS, 1999: 243 e 261.

3.12. Planta da ermida do Corpo Santo ou de S. Pedro Gonçalves Telmo de Vila do Porto



Legenda:

1 – Retábulo da Capela-Mor



3.13. Vila do Porto – Retábulo principal da ermida do Corpo Santo ou de São Pedro Gonçalves Telmo

C. 1733 – 1752

Foto: Carlos Louçã – Outubro 2018

Localiza-se na capela-mor, ocupando totalmente a parede testeira. Foi mandado executar, pelos mesários da Confraria do Corpo Santo ou Compromisso Marítimo (FIGUEIREDO, 1990, p. 46), após em 1733 se ter ampliado o templo (VALÉRIO e



NOÉ, 2013) e finalizado em 1752, conforme se atesta na inscrição existente no intradorso do *arco*, desconhecendo-se a identidade dos responsáveis pela conceção do *risco* e pela feitura do retábulo, provavelmente com oficina sediada em Vila do Porto.

Exemplar devocional a um só tema, que adota uma tipologia muito frequente (a dos retábulos com *arco*). Por sua vez usa um modelo compositivo pouco usual (o intercolúnio inscreve-se entre dez elementos arquitetónicos, cinco de cada lado). Como especificidade aponta-se a existência muito pouco frequente deste tipo de retábulos ocuparem capelas-mores.

De madeira entalhada e predominantemente dourada, apresenta planta em perspetiva côncava. O embasamento, com um só registo, é composto por seis mísulas e quatro pedestais, destacando-se no centro um sacrário. No corpo há seis colunas torsas



com sete espiras, sendo os fustes totalmente revestidos por cachos de uvas, parras e flores e quatro pilastras decoradas com folhas de acanto. Ao centro destaca-se um nicho com arco de volta perfeita, boca rendilhada, resplendor e mísula com a imagem recente de vulto perfeito do orago. O entablamento restringe-se aos elementos arquitetónicos, sendo o ático composto por duas arquivoltas e por três arcos salomónicos, plenos e concêntricos, cortados transversalmente por três aduelas, sobressaindo ao centro uma cartela onde figura a inscrição “CORPO SANCTO”.

Por sua vez o *arco* apresenta duas pilastras assentes em pedestais e rematado por uma arquivolta plena. Encontra-se completamente envolvido por apainelados, ornados por folhagens de acantos e elementos volutados, revestindo toda a parede testeira e adaptando-se à cobertura da ermida.

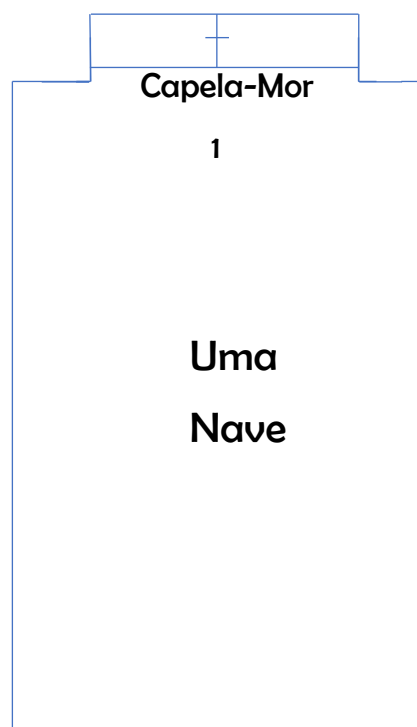
A mesa do Altar é do tipo paralelepípedo e encontra-se pintada de branco.

O retábulo encontra-se em mau estado de conservação, apontando-se a falta das aduelas laterais no *arco*, imensas faltas de elementos constituintes nos apainelados, no ático e nas espirais das colunas.

Bibliografia essencial:

VALÉRIO e NOÉ, 2013, «www.monumentos.pt»; AA.VV., INVENTÁRIO DO PATRIMÓNIO IMÓVEL DOS AÇORES, 2005: 205; FIGUEIREDO, 1990: 46.

3.14. Planta da ermida de Nossa Senhora da Glória de Santo Espírito



Legenda:

1 – Retábulo da Capela-Mor



3.15. Santo Espírito (Vila do Porto) – Retábulo principal da ermida de Nossa Senhora da Glória

Execução: 1726 e 1730 – 1735

Foto: Carlos Louçã – Outubro 2018

Ocupa a totalidade da parede testeira da capela-mor. Em visita à Ermida em 1726, o vigário da Matriz de Vila do Porto, D. Inácio Coelho de Menezes, referiu: “(...) o retábulo de pedra está concluído graças ao préstimo de um devoto” (ARRUDA, 1947), desconhecendo-se a identidade do devoto e do mestre responsável pela sua conceção.

Entre 1730 a 1735, a parte frontal da mesa de altar foi revestida por azulejos com (7 x 15) cm (NOÉ, 2015), provenientes de Lisboa, desconhecendo-se a identidade do artista.

Exemplar devocional a um só tema, que adota uma tipologia muito frequente no século XVIII (a de corpo único e um tramo). Como especificidade apontamos a ausência de embasamento.

De pedra lavrada, o retábulo apresenta planta em perspectiva côncava. O corpo é definido por seis colunas torsas com seis espiras, e intercaladas por acantos relevados. Ao centro surge um nicho, em arco de volta perfeita, albergando a imagem de vulto perfeito de Nossa Senhora da Glória, assente numa mísula retilínea. Nos intercolúnios laterais, é possível visualizar duas pequenas mísulas de madeira, recentemente colocadas e albergando no lado da Epístola Santa Ana e do Evangelho São José. O entablamento restringe-se aos tramos laterais, sendo o ático composto por três arcos salomónicos, plenos e concêntricos cortados transversalmente por três aduelas.

A mesa de altar é paralelepípedica com frontal revestido a azulejos azuis e brancos, com marcação de sanefa e sebastos, decorados com acantos, e tendo ao centro uma cartela com volutas, sustentada por dois anjos e contendo a imagem do orago.

O retábulo integra-se num *arco* de pedraria e encontra-se em bom estado de conservação.

Bibliografia essencial:

VALÉRIO 2013 e NOÉ 2015, 2015, «www.monumentos.pt»; AA.VV., INVENTÁRIO DO PATRIMÓNIO DOS AÇORES, 2005: 108; ARRUDA, 1947: 494.

4 – Conclusão

Foi importante a realização deste trabalho, não só para dar a conhecer e valorizar um património, ainda muitas vezes "depreciado", como também e acima de tudo contribuir para o estudo e caracterização desta realidade artística na ilha de Santa Maria. De entre as nove ilhas que constituem o Arquipélago dos Açores, Santa Maria é a ilha onde é usual ouvir dizer-se: "foi aqui que tudo começou, pois a nível de ocupação humana é a mais antiga dos Açores." Por esta razão, é lógico pensar que o concelho de Vila do Porto que tem a sua sede na vila com o mesmo nome é onde se encontram as mais antigas heranças históricas, artísticas, técnicas e culturais. Apesar de não ter sido submetida a sismos ou erupções vulcânicas que lhe tivessem provocado significativas destruições (ao contrário da maioria das restantes), foi durante cerca de duas centenas de anos fustigada por violentos ataques de piratas e corsários, que contribuíram para que atualmente nada se saiba acerca da arquitetura e grandeza das primitivas igrejas, nem das modificações que sofreram, porque as freguesias poucos documentos têm. No entanto, e apesar da análise formal ser complementada com bibliografia e informações inéditas provenientes do Arquivo dos Açores, também foi enriquecida por documentação do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Porém, Santa Maria oferece-nos um conjunto de construções, que não sendo do tempo do seu povoamento, não deixam de despertar interesse, especialmente na zona antiga de Vila do Porto e onde os retábulos enquanto expressões máximas de fé e de arte foram largamente utilizados. A referência mais antiga, relativamente à aplicação deste equipamento litúrgico, encontra-se na ermida de Nossa Senhora dos Anjos, com o tríptico quinhentista.

Apresentam-se de seguida as várias conclusões a que chegámos durante a concretização desta monografia.

A Ilha de Santa Maria desde a sua descoberta ficou espiritualmente submetida à Ordem de Cristo, situação que foi confirmada pelo Papa Calisto III. Como a administração geral da Ordem era efetuada desde 1420 pelo Infante D. Henrique, Santa Maria automaticamente e permaneceu ligada à coroa portuguesa. Entretanto, a

tutela religiosa da Ordem manifestou-se na ilha nos domínios temporal e espiritual, onde a intervenção no primeiro aspeto durou até ao século XIX, enquanto que a interferência espiritual até 1514. Deste modo, à responsabilidade pelas construções, conservações e provisões de todas as igrejas marienses era administrada pelos Grão-Mestres (cavaleiros professos com voto de pobreza), enquanto que cabia aos administradores gerais a manutenção das capelas-mores, sacristias e sinos, ficando o resto dos edifícios (que incluía as torres dos sinos, as pias batismais, os cruzeiros, os confessionários, o lajeamento e os adros) na competência dos seculares. Competia ainda aos administradores gerais a nomeação dos sacerdotes e o respetivo sustento económico, com base num financiamento que era alimentado pela arrecadação do dízimo.

Em relação à Santa Maria, a Ordem utilizou um artifício de mediação, a "comenda", com vista a aliviar as suas responsabilidades, ficando a ilha concedida a um beneficiário que tinha o encargo de receber a dízima e reinvesti-la em prol das estruturas religiosas, mantendo-se este sistema ativo até ao século XVIII. A responsabilidade da coroa portuguesa em relação aos templos e respetivos agentes permanecerá até à emergência do Liberalismo, nos inícios do século XIX. No entanto, esta competência nem sempre terá sido plenamente cumprida, o que trouxe deterioração a igrejas matrizes ou paroquiais, desinvestimento em retábulos, paramentos e outros utensílios de culto e situação de miséria a alguns párocos, dependentes das receitas do tesouro régio. Devido à situação anterior, à arte retabulística começou a ser encomendada e patrocinada pelos mais altos dignitários da nobreza e da burguesia, através de confrarias ou irmandades, das ordens terceiras de Nossa Senhora do Carmo e de São Francisco, pelo clero regular e secular.

No que respeita aos usos e funções, ainda que tenham existido retábulos, que possam ter desempenhado mais do que uma função, era frequente limitarem-se a uma única finalidade, ou seja, uma era dominante, como por exemplo no caso dos retábulos eucarísticos, em que a exposição solene do Santíssimo Sacramento nos *Jubileus* e *Lausperenes* prevalecia sobre as outras. Assim, em Santa Maria os retábulos devocionais a um só tema foram os que tiveram maior aceitação da clientela, acentuando-se o seu uso nos finais do século XVII, primeira metade do século XVIII e, eram caracterizados por possuírem no centro uma tribuna ou um

nicho ocupado, normalmente, pela representação escultórica do orago. Seguem-se os retábulos devocionais a três temas, onde a composição tripartida permitia não só a exposição da imagem do orago, mas também de outras duas esculturas da devoção dos seus promotores. Por fim temos três retábulos eucarísticos, dois efetuados na primeira metade do século XX e um no início do século XXI, ou seja, todos eles são revivalistas, efetuados à custa dos paroquianos, confrarias ou irmandades.

Relativamente a materiais privilegiou-se o uso da madeira, sendo no entanto de destacar o retábulo de Nossa Senhora da Glória e o de Nossa Senhora do Pilar, onde foi utilizado pedraria. Apresentam ainda nos frontais das mesas dos altares azulejaria. Quanto às técnicas, predominou o douramento, sobretudo entre os finais do século XVII e a primeira metade do século XVIII. O douramento era efetuado a ouro proveniente da região de Minas Gerais no Brasil e chegava a Santa Maria em condições de ser aplicado. A talha dourada, surgiu em Santa Maria como a manifestação artística mais utilizada no interior dos templos, pois os retábulos eram instrumentos programáticos, onde se pretendia proporcionar estímulos através dos sermões, utilizando-se a teatralidade e a cenografia num ambiente mais ou menos sumptuoso. Assim, estes equipamentos atendiam as necessidades litúrgicas e particulares das comunidades religiosas e destacavam-se nos *Jubileus* ou *Lausperenes*, com a exposição solene do Santíssimo Sacramento, que era restrito aos templos mais importantes como as igrejas matrizes ou paroquiais e na igreja monástico-conventual de São Francisco, em Vila do Porto. Ainda referente às técnicas, foram utilizados os marmoreados resultantes de intervenções efetuadas no século XX.

Quanto às tipologias, predominam os retábulos de um corpo e um só tramo, um corpo e três tramos e um retábulo com *arco*. No que diz respeito à periodização, os retábulos remanescentes inserem-se entre o Renascimento e os Revivalismos. Dos retábulos inventariados temos um do século XVI (Renascentista), sete dos finais do século XVII, primeira metade do século XVIII (Barroco Pleno) e dezassete de meados do século XX, início do século XXI (Revivalismos).

Entre as diversas artes que complementam o retábulo numa capela destacamos a existência de quadriculas de madeira dourada, no retábulo do Santo Sepulcro da igreja do antigo convento de Nossa Senhora da Vitória, em Vila do Porto.

Ao dar por terminada esta etapa de trabalho sobre Retábulos da Ilha de Santa Maria – Açores, fica presente que, apesar de dar os objetivos iniciais por cumpridos, provavelmente ficaram ainda por investigar e por problematizar muitos factos. Espero, num futuro próximo, poder prosseguir com uma outra investigação sobre a arte do retábulo no Arquipélago dos Açores, ou num outro local a pensar, sempre com o intuito de trazer à luz do conhecimento esta forma de arte denunciadora de um estilo muito próprio do panorama artístico português.

5 – Fontes e Bibliografia

Fontes Manuscritas

ANTT - Arquivo Nacional da Torre do Tombo

ANTT: Mapa de todas as Igrejas que ha nesta Ilha de Santa Maria, fls. 8 e 9.

Fontes Impressas

AA - Arquivo dos Açores, Volume XV, 1959

AA: Acórdão da Câmara da Vila do Porto relativo à realização da procissão em dia de São Matias (1687), p. 62.

AA: Termo do consistório e acordos entre a Santa Casa da Misericórdia de Vila do Porto e a Irmandade dos Terceiros, relativos à realização da procissão dos Passos (1707), pp. 82, 83, 84 e 85.

AA: Posse do Convento de São Francisco pela Fazenda Nacional (1833), pp. 108, 109 e 110.

AA: Escritura de dote para colocar em sacrário o Santíssimo Sacramento no Recolhimento de Santa Maria Madalena – desta Villa (1717), pp. 158, 159 e 160.

AA: Padroado de Santa Maria Madalena e seus administradores. Sétimo padroeiro. P. 168.

AA: Anotações ao Livro III das «Saudades da Terra» do Dr. Gaspar Frutuoso, por Manuel Monteiro Velho Arruda, p. 413.

Fontes de Internet

Igreja dos Açores Informa: «www.info@igrejaacores.pt»

Igreja e Recolhimento de Santa Maria Madalena: «www.inventario.iacultura.pt/smaria/viladoporto_fichas/11_25_108.html».

INE, PORDATA: «www.pordata.pt».

NOÉ, Paula (2012) – “Ermida de Nossa Senhora dos Anjos/Ermida dos Anjos e Treatro, *SIPA*, IHRU, «www.monumentos.pt».

NOÉ, Paula, (2012) – “Forte de São Brás”, *SIPA*, IHRU, «www.monumentos.pt».

NOÉ, Paula, (2015) – “Convento de São Francisco/Igreja de Nossa Senhora da Vitória/Câmara Municipal de Vila do Porto”, *SIPA*, IHRU, «www.monumentos.pt».

NOÉ, Paula,(2016) – “Igreja Matriz de Vila do Porto/Igreja de Nossa Senhora da Assunção”, *SIPA*, IHRU, «www.monumentos.pt».

VALÉRIO, Bruna e NOÉ, Paula (2013 83 nida do Corpo Santo/Ermida de São Pedro Gonçalves Telmo”, *SIPA*, IHRU, «www.monumentos.pt».

VALÉRIO, Bruna (2013) e NOÉ, Paula (2015) – “Ermida de Nossa Senhora da Glória”, *SIPA*, IHRU, «www.monumentos.pt».

VALÉRIO, Bruna (2013) e NOÉ, Paula (2015) – “Igreja Paroquial de Santa Bárbara/Igreja de Santa Bárbara, *SIPA*, IHRU, «www.monumentos.pt».

VALÉRIO, Bruna (2013) e NOÉ, Paula (2015) – “Igreja Paroquial de Santo Espírito/Igreja de Nossa Senhora da Purificação”, *SIPA*, IHRU, «www.monumentos.pt».

VALÉRIO, Bruna (2013) e NOÉ, Paula (2015) – “Igreja do Recolhimento de Santa Maria Madalena”, *SIPA*, IHRU, «www.monumentos.pt».

Periódicos

O Baluarte de Santa Maria, Dezembro 2001.

Bibliografia

AA.VV. (1976) -*Tesouros Artísticos de Portugal*, Lisboa, Selecções do Reader’s Digest.

AA.VV. (1998) - *Açores, Câmara do Comércio e Indústria dos Açores*, Ponta Delgada.

AA.VV. (2005) - *Inventário do Património Imóvel dos Açores: Vila do Porto Santa Maria*, 1ª Edição, Maia, SerSilito – Empresa Gráfica, Lda.

AA.VV. (2018) - *História da Arte nos Açores (c.1427 – 2000)*, Ponta Delgada, Nova Gráfica, Lda.

ALMEIDA, Álvaro Duarte de e BELO, Duarte (2006) - *Portugal Património, Açores – Madeira*, Volume X, Lisboa, Círculo de Leitores.

ARRUDA, Manuel Monteiro Velho (1947) - *Igrejas da Comenda de Santa Maria da Assunção da Ilha de Santa Maria – Matriz de Vila do Porto*, Ponta Delgada,

ICPD – Instituto Cultural de Ponta Delgada, Revista Insulana – Volume III, pp.115 a 146.

ARRUDA, Manuel Monteiro Velho (1947) - *Igrejas da Comenda de Santa Maria da Assunção da Ilha de Santa Maria – Capela do Bom Jesus ou Do Nome de Jesus*, Ponta Delgada, ICPD – Instituto Cultural de Ponta Delgada, Revista Insulana – Volume III, pp. 463 a 518.

ARRUDA, Manuel Monteiro Velho (1977) - *Coleção de Documentos Relativos ao Descobrimento e Povoamento dos Açores*, Ponta Delgada, ICPD – Instituto Cultural de Ponta Delgada.

BORGES, Pe. Adriano (2002) - *Igreja Matriz de Vila do Porto*, Ponta Delgada, Nova Gráfica, Lda.

COELHO, Beatriz (2005) - *Devoção e Arte – Imaginária Religiosa em Minas Gerais*, São Paulo, EDUSP – Editora da Universidade de São Paulo.

COSTA, Francisco Carreiro da (17 abril 1955 – 17 outubro 1956) - “Igreja de Nossa Senhora da Conceição – Vila do Porto – Ilha de Santa Maria”, in *História das Igrejas e Ermidas dos Açores*, Ponta Delgada, Jornal Açores.

COSTA, Francisco Carreiro da (17 abril 1955 – 17 outubro 1956) - “Ermida de Santo Antão – Vila do Porto – Ilha de Santa Maria”, in *História das Igrejas e Ermidas dos Açores*, Ponta Delgada, Jornal Açores.

COSTA, Susana Goulart (2008) - *Açores – Nove Ilhas, Uma História*, Berkeley, University of California.

DIAS, Pedro (1999) - *História da Arte no Mundo: Espaço do Atlântico*, Lisboa, Círculo de Leitores.

DIAS, Pedro (2008) - *Arte de Portugal no Mundo – Açores, S.I.: Público – Comunicação Social, S. A.*

“EXTINTO CONVENTO DOS FRANCISCANOS” (1903), in *Álbum Açoriano*, fascículo n.º 33, PP. 258 a 260.

FERREIRA, Adriano (2004) - *Recolhimento de Santa Maria Madalena (1594 – 2004)*, Ponta Delgada, Nova Gráfica, Lda.

FIGUEIREDO, Jaime de (1990) - *Ilha de Gonçalo Velho: Da Descoberta Até Ao Aeroporto!*, 2ª Edição, Ponta Delgada, Nova Gráfica, Lda.

FRUTUOSO, Gaspar (1983) - *Livro Terceiro das Saudades da Terra*, Ponta Delgada, ICPD – Instituto Cultural de Ponta Delgada.

HALL, James (1996) - *Dizionario dei Soggetti e dei Simboli nell'Arte*, IV Edizione, Milano, Longanesi & C.

LAMEIRA, Francisco e SERRÃO, Vítor (2004) - “O Retábulo em Portugal: o barroco pleno (1668 – 1713)”, in *Promontoria. Revista do Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve*, n.º 2, Faro, Universidade do Algarve.

LAMEIRA, Francisco (2005) - *O Retábulo em Portugal: das origens ao declínio*, (Promontoria Monográfica | História da Arte 01), Faro, Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve e Centro de História da Arte da Universidade de Évora.

MALDONADO, Pe. Manuel Luís (1989 – 1997) - *Fenix Angrence*, Terceiro Volume, Angra do Heroísmo, IHIT – Instituto Histórico da Ilha Terceira.

MEDINA, João (1995) - *História de Portugal: Dos Tempos Pré-Históricos Aos Nossos Dias*, Volume IV, Amadora, Ediclube.

MONTALVERNE, Fr. Agostinho de (1960) - *Crónicas da Província de São João Evangelista das Ilhas dos Açores*, Ponta Delgada, ICPD – Instituto Cultural de Ponta Delgada.

SMITH, Robert C. (1962) - *A Talha em Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte.

6 – Apêndice Documental

Na transcrição foi utilizado os critérios do Álbum de *Paleografia*:

- 1- Desenvolveram-se abreviaturas;
- 2- Conservaram-se as formas originais de maiúsculas e minúsculas;
- 3- Mantiveram-se as formas originais das letras, u, v, i, j, etc.;
- 4- Conservaram-se os numerais nas formas de origem;
- 5- Respeitou-se a ortografia e os modos de expressão da época;
- 6- A leitura duvidosa foi indicada por (?);
- 7- Utilizou-se uma / para mudança de linha e // para mudança de página;
- 8- As interpretações de texto não legível ou omissas no documento foram indicadas entre parênteses rectos.

Doc. 1: ANTT – Mapa de todas as Igrejas que ha nesta Ilha de Santa Maria.

8.

V.^a

A Matriz de Nossa Senhora de Assupção. Freguesia colegial.

o Curato de Nossa Senhora do Bom Despacho a ella sufragania.

A Igreja dos Religiosos de São Francisco.

As Igrejas dos três Recolhimentos que São: Santa Maria Madalegna, Nossa Senhora da Conceipção e Santo Antonio.

A Igreja da Santa Casa da Misericordia.

Nossa Senhora da Conceipção do Castelo.

São Pedro gonçalves.

Nossa Senhora do Livramento.

Nossa Senhora da Boa Nova.

Santo Antão.

Nossa Senhora da Boaviagem.

Santa Rita.

Nossa Senhora da graça.

Santo Amaro: todas Ermidas Sufraganeas á dita Matriz.

Santo Espírito

Nossa Senhora da Purificação Freguesia Paroquial.

Nossa Senhora da gloria.

Nossa Senhora da Piedade.

Nossa Senhora da Boamorte.

Nossa Senhora dos Prazeres.

Santo Antonio todas Ermidas á dita Paroquial Sufraganeas.

9.

Santa Barbara

A Igreja da mesma Santa Freguesia Paroquial.

Nossa Senhora do Desterro.

JESUS Maria Jose Ermidas a ella Sufraganeas.

São Pedro

A Igreja do mesmo Apostolo Freguesia Paroquial.

Nossa Senhora do Pilar.

Nossa Senhora do Moncerrate.

São. Jose . Ermidas Sufraganeas á mesma Paroquial.

Estas são as Igrejas e Ermidas que se achão em toda esta Ilha de Santa Maria o que se necessário ho juro aos Santos Evangelhos Vila do Porto 15 de Abril de 1792.

Irmão Francisco da Camara Souza e Sarre (?)

Doc. 2: AA: Acórdão da Câmara da Vila do Porto relativo à realização da procissão em dia de São Matias (1687), p. 62.

Em os vinte e dois do mez de fevereiro do anno de mil seis sentos outenta he sete annos nesta villa do porto Ilha de Santa Maria nas cazas da Camara della ali estando prezentes os Senhores oficiais da Camara que de prezente servem a saber o juis hordinario Manuel fragoso delgado he o vriador mais velho llourenso de frias Coitinho e Manuel de Moura chaves e o procurador do conselho Manoel de Moura lliandres e lloguo pelos ditos senhores foi acordado que segunda feira que se contam vinte he coatro de fevereiro se fazia a porcisam que he uso fazerse todos os anos ao dia de Sam Mathias he por não terem mais que acordarem se assignaram Ignacio Guodinho do porto o escrivam da Camara o escrevi – fragozo – Moura – Coutinho Liandres –

Doc. 3: AA: Termo do consistório e acordos entre a Santa Casa da Misericórdia de Vila do Porto e a Irmandade dos Terceiros, relativos à realização da procissão dos Passos (1707), pp. 82, 83, 84 e 85.

Aos vinte coatro dias do mês de Fevereiro de mil setesentos e sete anos nesta villa do porto ilha da Santa Maria nas cazas da Santa Misericordia desta dita ilha e no consistório della ahi estando presentes o Senhor Provedor o Reverendo Manuel Delgado fragoso e os mais irmãos conselheiros e por eles foi acordado que os irmãos da S.^{ta} e venerável ordem terceira desta ilha aviam ajustado com esta irmandade desta Santa casa a mudar para ella a prossissam dos passos que os ditos faziam que sahia do convento de San Francisco e que eles fizessem a da penitencia para o que determinaram este dia para que todos fossem a esta aseitasam e transmutasam no dito Convento de Sam francisco por ser assim mais onorifico e se respeitar o serviso de Des se acordou que fosse a mesa toda fazer a dita aseitasam e tresmutasam e determinaram que tudo o que acordase e determinasse no dito convento se tresladase neste livro p.^a que nunca em tempo algum haja duvida ou se enove outra causa e asignarão Antonio Velho Cabral escrivão judicial o escrevi pelo escrivão da Casa – Fragoso Delgado – Antonio Velho Cabral – Bayrros – Moira – Miguel de Gambôa – F.^{co} morais – do^s. Jorge

Treslado dos acordos que se fizerão na junta dos Tersseiros desta ilha no convento de S. Fran.^{co} desta V.^a com o Provedor e mais Irmãos da mesa desta Sancta Casa: afim de mudar p.^a ella a procissão dos Passos q. os ditos Tersseiros no conv^{to} faziam e em cujo lugar lhe fica a da penitensia.

Acordam

Em os dose dias do mez de Março de mil sete centos e seis anos nesta Villa do Porto Illa de Santa Maria sendo no Convento de São Fran.^{co} desta Ilha ahy sendo prezente o R.^{do}

P.^a Comissario e G.^{am} Fr. Thomaz de S.^{to} Antonio e Ministro o R.^{do} Vig.^{ro} Melchior Barreto de Massedo e os Irmãos da meza p.^{os} d.^{tos} foy dito e acordado q. se havia determinado nesta meza que na Caza da S. Misericordia se fizesse a procissão dos Passos que costumava sair deste Convento feita p.^{la} d.^{ta} Irmandade dos Tersseiros e neste d.^{to} Convento a da penitencia p.^{la} d.^{ta} Irmandade a primeira Dominga da Coresma como se faz as mais Ilhas e Reino e por q. se não fez a Image do Christo da penitencia pera se fazer a procissão deste anno se tornou a acordar que saisse a d.^a procissão dos Passos este d.^o anno deste conv.^{to} the com effeyto se fazer a dita Image que correrá da conta das duas Irmandades e pera q. com ella se sirvam mutuamente e com as cousas nessarias para as procissões que em hua e outra Irmandade ouver em cuja forma feita a d.^{ta} Image sahira a dita procissão da penitencia deste Convento a pr.^a Dominga da Coresma e a dos Passos da d.^{ta} Santa Caza da Miz.^a na forma costumada em certeza de que em hua e outra Meza fizerão seo assento desta aseitação e trasmutação e de como o ouverão por acordado e assim o acordaram se assignaram.

Melchior Barreto de Macedo – M.^{el} Delgado Fragozo – Provedor – Antão de Avelar Falcam – Francisco Cabral Tex.^a P.^e André de alpoim – João de Miranda, Fr Thomaz de S. Ant.^o Preg.^{dor} gam. e Comissario, Pedro Soares Coelho – Antonio Vellho Cabral e outros muitos –

Acordam

Aos vinte coatro dias do mês de Fever.^o de mil e sete centos e sete anos nesta Villa do Porto Ilha de Santa Maria sendo no Convento de S. Fran.^{co} na Igreja do d.^o Convento estando ahy presentes o Rd.^o P.^e Comissario Fr. Thomaz de S. Ant.^o g.^{am} deste conv.^{to} e o R.d.^o Vg.^{or} da Parochial de S. Barbara Melchior Barreto de Macedo Menistro da Santa e Veneravel Ordem Tersseira e o Lessenciado o Rd.^o Padre M.^{el} Delgado fragoso Provedor da Santa Casa da Misericordia e os mais irmãos conselheiros da casa e Irmãos Tersseiros abaicho assignados por eles foi ditto e acordado que o anno passado se acordarão nesta meza que se troquassem as procissões q. ficarem os Irmãos Tersseiros da 3.^a ordem fazendo as prossissam de penitencia, ao primeiro domingo do Coresma e os Irmãos da S. Caza da Mizericordia fazerem a prossissam dos Passos na quarta Dominga da coresma com condição q. os Irmãos Tersseiros darem a S. Caza da Miz o S. Christo dos Passos e painéis e emprestarem tudo o que nesta irmandade ouver a d.^{ta} Sancta Caza e assim mais lhe emprestaram a Image do Santo Christo que de novo mandou fazer o s. Provedor pera os Passos que nas quartas feiras se costuma fazer na d.^{ta} S. Caza da Misericordia e os irmãos de S. Caza da Miz.^a emprestarão aos Irmãos Tersseiros todas as couzas q. para a prossissam forem necessarias como he pollio lampiões tocheiros o que faram hus e outros mutuamente e quanto ao sermão da penitencia o R.d.^o P.^e g.^{am} o mandara pagar r.esta sua Igreja em lugar do sermão q. havia pregar no matrix na domingo 4.^a da Coresma de minha diguo do da quinquagesima e na mesma forma q. ho sermão que havia pregar na quarta domingo de minha na Igr.^a Matrix mandara pregar o calvairo de tarde e pedem ao Sõr Rd.^o Vigr.^o

da matrix o queira assim permitir o que hus e outros aseitaram ad prepetua Rey memoriam e asgnarão, Eu Ant.º Velho Cabral secretario da ordem o escrevi. Fr. Thomaz de S. Ant.º Comissario e g.^{am} O Provedor M.^{el} Delgado fragoso o Menistro Melchior Barreto de Macedo – Francisco Cabral Teixeira – O Padre Andre de Alpoim – João de Miranda – Miguel de Gamboa escrivão da casa – Francisco Coelho – Domingos George – Domingos Dias de Mello – Ant.º de Morais – Antonio de Avelar Falcão – Andre frz – Balthazar Velho – Vig.º do Matrix M.^{el} Jacome da Costa – Pedro Ferreira – Manuel Coelho de Mello – Pedro Soares Coelho – Balthazar Gomes – Jeam da Costa e outros muitos.

Termo de Consistorio

E sendo no mesmo dia mês e anno atras escrito nesta villa do porto Ilha de Santa Maria na casa Santa Misericordia desta dita ilha no consistório della estando ahi o Senhor provedor o Reverendo Padre Manoel delgado fragoso e mais irmãos conselheiros e por eles foi acordado que tinham vindo da Egreja do Convento de Sam francisco de fazer a procissão dos passos na orma que nesta mesa ... que estava no livro dos acórdãos dos irmãos Terceiros se determinou que a prossissão sahisse desta Santa Casa na forma do regimento ao diante escrito e se saaignaram.

Antonio Velho Cabral

Regimento e forma porque há de sair a prossisam dos Passos desta Sancta Caza na quarta Dominga da Coresma anualmente que comessa neste anno de mil e sete centos e sete sendo Provedor da d.^a Caza o Red.º p.^e o L.^{do} Manoel Delgado Fragoso.

Primeiramente se armaram os Passos pelos Irmãos desta Santa Caza p.º o q. serem avizados por escrito quinze dias antes e sera o pr.º a porta do

- 1) R.^{do} P.^e Francisco Cabral Teixeira.*
- 2) E o segundo a porta do Capitam Antonio de Avellar Falcam.*
- 3) E o terceiro a porta da Ermida de N.^a Sr.^a da Boa Nova.*
- 4) E o quarto a parte de Ignacio de Sousa Coutinho.*
- 5) E o quinto a porta da Igr.^a das Recolhidas de S. M.^a Magdalena.*
- 6) E o sexto a porta da Igr.^a dos N. Senhora da Conceição.*
- 7) E o setimo no adro do Recolhimento das Recolhidas de S. Ant.º no Cruzeiro delle.*

E se adverte q. esta prossissam nam entra em Igr.^a alguma e so corre os passos por honde estam declarados e colocados e finda no Calvario se recolhera na Ig.^a do Recolhimento de S. Ant.º honde estará the noite p.^a se recolher a esta Caza como nas mais partes se usa com miserere.

Doc. 4: AA: Posse do Convento de S. Francisco pela Fazenda Nacional (1833), pp. 108, 109 e 110.

Provedoria do Concelho da Villa do Porto. Inventario dos bens moveis pertencentes ao Convento suprimido de Nossa Senhora da Victoria – Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil e oito centos trinta tres, aos dezoito dias do mez de outubro do dito anno no Convento de Nossa Senhora da Victoria dos Religiosos de São Francisco da Villa do Porto, ahy estando prezente o Provedor do concelho Matheus Duarte Rebelo da Camara, com o Reverendo Ouvidor Ecclesiastico Bernardino José Toledo, e o Reverendo Guardiã do mesmo convento Frey João Evangelista, e os Reverendos Discretos Frey José de Cupertino e Frey Manuel de Santa Rita, com o subsindico José Maria Alves Cabral e logo pelo dito Provedor foi mandado lançar este auto de inventario de todos os bens moveis e imoveis pertencentes ao sobredito convento suprimido conforme as Instrucções dadas ao referido Provedor da Secretaria da Perfeitura de Angra dezoito de Julho de mil oito centos e trinta e dois e mandados pôr em execução pelo Sub-Perfeito da Comarca de Ponta Delgada em vinte sete do mesmo mês e anno a requezição feita pelo sobredito Ouvidor Ecclesiastico do dia quatorze do corrente, em consequência do que o referido Ouvidor Ecclesiastico deferido juramento dos Santos Evangelhos na conformidade do artigo quarto das referidas Instrucções aos Reverendos Religiosos Guardiã e discretos mencionados, encarregando lhes para que debaixo do mesmo juramento declarem quais sejam os seus bens moveis e imoveis da dominação do convento e seus acessórios como as suas devidas confrontações e títulos não ocultando alguma qualidade e numero deles debaixo de pena de perderem a penção que lhes esta decretada pelo Decreto de desasete de Maio de mil oito centos trinta e dois, no caso de se verificar prejuizo: o que sendo por eles bem entendido e presenciado prometerão dizer verdade e declarar quanto estiver em sua lembrança, sujeitando-se á pena imposta e para maior autenticidade do presente termo foi assignado por todos. Eu, Alexandre José de Barros Junior, Secretario da Provedoria o escrevi, Camara, Toledo – Frey João Evangelista, Guardiã – Frey Manuel de Santa Rita, Discreto do Convento, Frey José de Cupertino, Discreto do Convento – Descrição dos bens immoveis – Numero vinte oito – Item hum Edeficio aonde residem, intituladoo Convento de Nossa Senhora da Victória – Igreja, Adro, e cerca que confronta pelo Norte com travessa que vai para o Campo, - Sul, casa e quintal de Antonia Jacinta, viúva de Francisco Ignacio de Mello, Nascente, Rua da Cruz, chamada da Cruz, e ponente com servidão publica que vai da Villa; e, dentro destas confrontações para a parte do Nascente existe a Capella da Irmandade Terceira – Termo de encerramento – E logo pelos ditos Religiosos foi dito debaixo de juramento já dado não existirem mais bens pertencentes ao sobredito Convento de Nossa Senhora da Victoria, o que presenciado pelo referido Provedor deu o prezente inventario por findo e ultimado e determinou na conformidade das Instrucções assima citadas que trasladado este, se remetesse, com os títulos entregues, e original para a Secretaria da Perfeitura da Provincia Oriental dos Açores, sendo este assignado pelo mesmo Provedor e mais pessoas contempladas no auto do Inventario, ficando os sobreditos bens moveis e

imoveis em poder do subsindico presente que igualmente assignou este termo de responsabilidade. Eu Alexandre José de Barros Junior, Secretario da Provedoria o escrevi – Camara – Evangelista – Santa Rita – Cupertino – Cabral.

Certidão passada a 14 de dezembro de 1835, por o secretario da Camara da Vila do Porto – Manuel Soares de Figueiredo.

NOTA

Quando se extinguiu o Convento dos Religiosos Franciscanos, nesta Ilha, constava de cinco p.^{es} de Missa, destes foi hum para S. Miguel e ficarão nesta quatro.

Todos os paramentos farão destruidos pelos Parochias Ruraes –

Imagens: - N. S. da Victória é a que hoje esta servindo d' Orago na Matriz – N. S. da Conceição está no seu Altar na Igreja do extinto convento, tinha nos lados S.^{ta} Anna e S. José com seus meninos. O Ouvidor e Vig.^o de S. Pedro os levou para a sua Igreja de S. Pedro, assim como hum Christo de muito valor e branquete do Altar Môr.

Na Colateral do lado da Epistola era do Snr. dos Passos que hoje está na Misericordia, nos lados desta colateral havia duas Imagens pequenas uma da Senhora do Livramento que o d.^o Ouvidor Bernardino José Toledo deo á Snr.^a do Morgado Jacintho Leite da Ilha de S. Miguel e a outra de S. Miguel que esta em caza da Sr.^a D. Maria Guilhermina Coutt.^o.

Toda a prata de ornato das Imagens, e huma Alampada do Altar de N. S. da Conceição, foi para S. Miguel a excepção da coroa da mesma Imagem que foi trocada por prata e é a que serve a de N. S. da Victoria que está na Matriz, os gavetões dos ornamentos e huma meza de pedra branca que era da Sacrestia do d.^o Convento, acha-se na Parochia de S. Pedro, assim como a urna dourada que servia em 5.^a feira maior –

Apontamentos do Padre Manuel de Santa Rita – egresso do convento de Nossa Senhora da Victória – que foi vigário da matriz da Vila do Porto – tombados no livro do priostado da mesma matriz do ano de 1846.

Doc. 5: AA: Escritura de dote para colocar em Sacrário o Santíssimo Sacramento no Recolhimento de Santa Maria Madalena – desta Villa (1717), pp. 158, 159 e 160.

Em nome de Deus Amen.

Saibam quantos este publico Instrumento de Doaçam virem que no anno de Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil septe centos e desessete anos aos seis dias do mês de Outubro do dito anno Sendo nesta Villa do Porto Ilha de Santa Maria em o Recolhimento de Santa Maria Magdalena em o palratorio delle ahy de grades a dentro aparecerão as Senhoras Regente Hjeronima da Assumpção, Isabel da Assumpção, Paula da Madre de Deos, Paula da Piedade, Anna do Nascimento, Maria

da Encarnação, Maria de Santo Antonio, Hieronima da Paixão, Isabel da Conceição, Maria de Jesus, Dona Margarida da Conceição, Dona Francisca Xavier, e da parte de fora o Snr. Capitão mor Manoel Fragoso Delgado, como administrador do dito Recolhimento e aceitante o Reverendo Padre Vice-Vigario da Matriz Manoel Delgado Fragoso e logo sendo assim todos juntos pessoas de mim escrevam reconhecidas por eles foi dito e disseram que para maior consolação sua e das mais recolhidas e serviço do Senhor e segurança de suas salvaçonis de muitos tempos a esta parte tinham desejado ter na sua companhia o Santissimo Sacramento em perpetuo sacrário colocado na Capela mayor da igreja do ditto Recolhimento e porque na ditta Igreja tem já hum sacrário, colocado com todas as paramentos necessários, conforme a sua possibilidade e estillo da terra e para que não faltem em tempo alguma o azeite para a alampada, e as cousas necessárias para o serviço do dito Senhor, todas de sua livre vontade sem constrangimento de pessoa alguma doavão dos foros e rendas do ditto Recolhimento hum moio e meio de renda e três mil reis em dinheiro fiches que lhe paga o Reverendo Padre Manuel Tavares Coutinho sobe hua vinha em São Lourenço por escriptura publica feitas nas notas do tabeliam o Capitão António Velho Cabral e mais rendas que ellas tem e pessuem nesta Ilha, e do mais bem parado dellas apartam e doam como doado tem o ditto moio e meio de renda e os ditos tres mil reis em dinheiro por lhe parecerem bastantes para os gastos do dito Senhor, e que esta doaçam e dote fazem na melhor forma de direito em seu nome e das futuras recolhidas e administradores por ser tudo em aumento da dita casa de serviço do dito Senhor e se obrigam por suas pessoas e bens havidos e por e principalmente pelos do ditto Recolhimento a ter manter os gastos precisos e necessários do ditto Recolhimento e por estar presente o Reverendo Padre o Licenciado Manoel Delgado Fragoso vice-Vigario da Parochial Igreja Matriz de N.ª Sr.ª da Assumpção por elle foi ditto aceitava o ditto dote como Vigario da Matriz desta Villa de quem he sufragânea a dita Igreja, e por de tudo serem contentes pediram a mim tabelião que como pessoa publica e estipulante e aceitante esta ditta doação aceitasse e estipulasse em nome das partes presentes e ausentes a aq.^m o favor delle deva ou tocar possa e a isto auzente for. Ao que foram testemunhas presentes o Reverendo Padre Vigario Melchior Barreto de Macedo e o Reverendo Padre visitador o Licenciado jose Jacome da Costa e o Reverendo Padre Francisco Fragoso Delgado e o Capitão Pedro Soares Coelho, escrevão do ecelesiastico que assignaram todos com as dittas recolhidas e administrador e o Reverendo Vice Vigario como aceitante todos moradores nesta dita Villa pessoas de mim escrevão reconhecidas que dou fe tudo passar na verdade e conhecer todos serem moradores aonde vai declarado. Eu Manuel Soares Ferreira escrevão judicial o escrevi – Manuel Fragoso Delgado – Hieronima da Assumpção persidente – Maria de Santo Antonio – Maria da Encarnação – Isabel da Assumpção – Paula da Piedade D. Margarida da Conceição – Isabel da Conceição – Anna do Nascimento – Paula da Madre de Deus – Maria de Jesus – D. Francisca Xavier – Manuel Fragoso Delgado – José Jacome da Costa – Melchior Barreto de Macedo – Pedro Soares Coelho – Francisco Fragoso Delgado – Padre João Ferreira de Andrade –.

Doc. 6: Padroado de Santa Maria Madalena e seus administradores. Sétimo padroeiro, p, 168.

Foi o padre António Curvelo Delgado, que nasceu a 28 de Outubro de 1689 na Vila do Porto, sendo baptizado em casa por seu avô o Capitão môr Manuel Delgado Fragoso e sendo o termo exarado na Matriz pelo cura Padre Bartolomeu de Bulhões no livro dos baptisados no mesmo dia.

Depois da morte de seu pai, ficando de menoridade foi seu tutor seu avô, o Capitão môr Manuel Delgado Fragoso que a administrou por ele a instituição. No seu tempo augmentaram o retábulo da capela môr e fizeram um camarim para o S.S. e fizeram uma escritura a 2 de outubro de 1717 para terem sacrário no recolhimento. Fizeram uma torre, sineira e obtiveram dois sinos para governo das recolhidas e dois palatórios para pelas grades poderem ver as procissões.

Foi o padre António Curvelo Delgado, cavaleiro professo da ordem de Cristo, beneficiado na Matriz da Vila do Porto e, em 1715, achava-se no Rio de Janeiro, viveu também em Ponta Delgada.

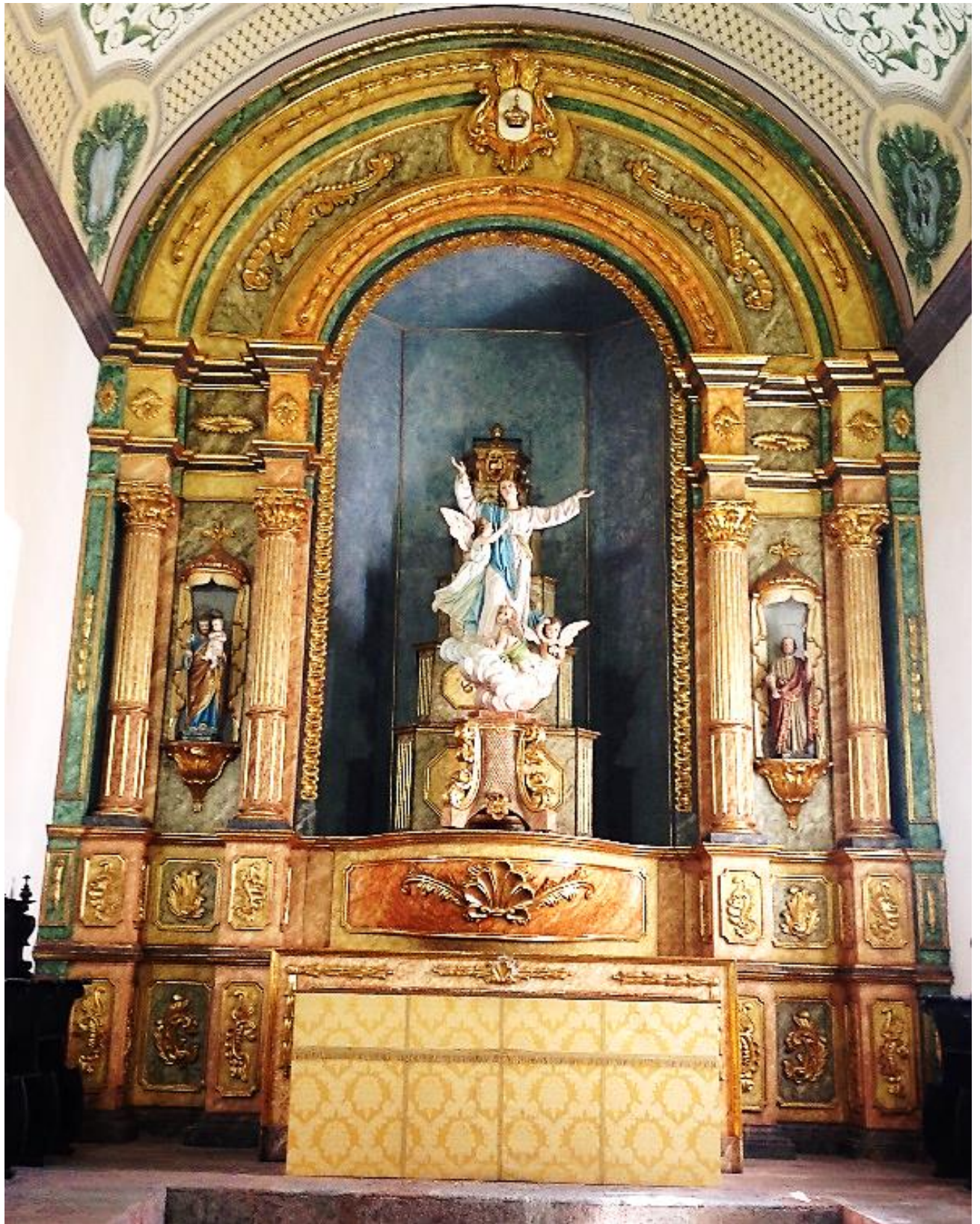
7 – Apêndice Fotográfico

Índice das Figuras

- Figura 1:** Vila do Porto. Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção. Retábulo principal101
- Figura 2:** Vila do Porto. Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção. Retábulo do Sagrado Coração de Jesus 102
- Figura 3:** Vila do Porto. Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção. Pormenor do Sacrário tipo templete e colunas torsas com oito espiras, do Retábulo do Santíssimo Sacramento 103
- Figura 4:** Vila do Porto. Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção. Retábulo de Santa Teresinha do Menino Jesus104
- Figura 5:** Vila do Porto. Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção. Retábulo das Almas105
- Figura 6:** Vila do Porto. Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção. Pormenor dos elementos arquitetónicos (pilastras e colunas) e da imagem escultórica de Nossa Senhora com o Menino ao colo, do Retábulo das Almas106
- Figura 7:** Vila do Porto. Igreja do Antigo Convento de Nossa Senhora da Vitória ou de São Francisco. Painel de Azulejos do século XVII, de Baltazar de Castro, existente na Capela de Santo António do lado do Evangelho, 107
- Figura 8:** Vila do Porto. Igreja do Antigo Convento de Nossa Senhora da Vitória ou de São Francisco. Painel de Azulejos do século XVII, de Baltazar de Castro, existente na Capela de Santo António do lado da Epístola 108
- Figura 9:** Vila do Porto. Igreja do Antigo Convento de Nossa Senhora da Vitória ou de São Francisco. Lápide existente no lado da Epístola, à direita do arco de comunicação com a Capela de Santo António “CAPELA D/ AS ALMAS Q FV/ DOV O CAPITAO MA/NOEL CVRVELO DA/ COSTA E SVA MER MA/IÁCOME. 1652.”109
- Figura 10:** Vila do Porto. Igreja do Antigo Convento de Nossa Senhora da Vitória ou de São Francisco. Retábulo Principal, obtido de um *Álbum Açoriano*, fascículo 33, 1903, pp. 258 e 259 110
- Figura 11:** Vila do Porto. Capela dos Terceiros. Pormenor do corpo, ático e da ligação entre o Retábulo e o *Arco* da Capela 111

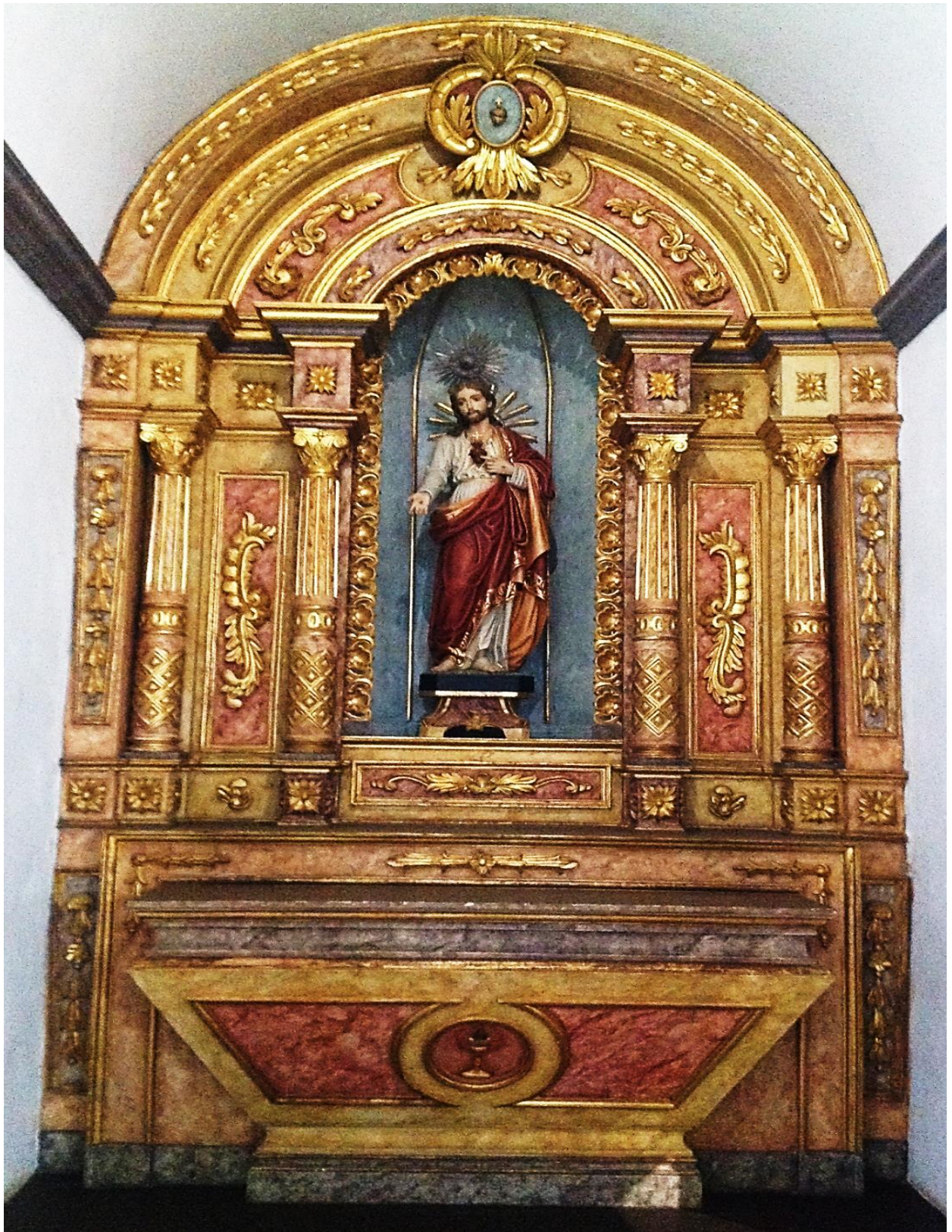
Figura 12: Vila do Porto. Igreja do Recolhimento de Santa Maria Madalena. Retábulo lateral de São João Nepomuceno do lado do Evangelho	112
Figura 13: Vila do Porto. Igreja do Recolhimento de Santa Maria Madalena. Pormenor da imagem de vulto perfeito de Santa Maria Madalena, existente no retábulo de São João Nepomuceno	113
Figura 14: Vila do Porto. Igreja do Recolhimento de Santa Maria Madalena. Retábulo lateral de Nossa Senhora das Dores do lado da Epístola	114
Figura 15: Vila do Porto. Igreja do Recolhimento de Santa Maria Madalena. Pormenor da imagem de vulto perfeito da Nossa Senhora das Dores	115
Figura 16: Vila do Porto. Igreja do Recolhimento de Santa Maria Madalena. Retábulo do Senhor Crucificado do coro baixo	116
Figura 17: Vila do Porto. Igreja do Recolhimento de Santa Maria Madalena. Retábulo do Senhor Flagelado do coro baixo	117
Figura 18: Vila do Porto. Ermida de Nossa Senhora da Conceição da Rocha ou de Santa Luzia	118
Figura 19: Vila do Porto. Ermida do Corpo Santo ou de São Pedro Gonçalves Telmo. Retábulo Principal	119
Figura 20: Vila do Porto. Ermida do Corpo Santo ou de São Pedro Gonçalves Telmo. Pormenor do nicho principal e de elementos arquitetónicos	120
Figura 21: Vila do Porto. Ermida do Corpo Santo ou de São Pedro Gonçalves Telmo. Pormenor da aduela central contendo a cartela com “CORPO SANCTO” e data de finalização do retábulo “1752”	121
Figura 22: Anjos (Vila do Porto). Ermida de Nossa Senhora dos Anjos. Pormenor do Tríptico	122
Figura 23: Anjos (Vila do Porto). Ermida de Nossa Senhora dos Anjos. Pormenor do painel de azulejos seiscentistas (1679) que reveste a parte frontal da Mesa de Altar ...	123
Figura 24: Santo Espírito. Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Purificação ou de Santo Espírito. Retábulo Principal	124

Figura 25: Santo Espírito. Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Purificação ou de Santo Espírito. Retábulo da Coroa e do Ceptro do Espírito Santo	125
Figura 26: Santo Espírito. Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Purificação ou de Santo Espírito. Retábulo do Santíssimo Sacramento	126
Figura 27: Santa Bárbara. Igreja Paroquial de Santa Bárbara. Retábulo Principal	127
Figura 28: Santa Bárbara. Igreja Paroquial de Santa Bárbara. Retábulo do Sagrado Coração de Maria	128
Figura 29: Santa Bárbara. Igreja Paroquial de Santa Bárbara. Retábulo do Sagrado Coração de Jesus	129
Figura 30: São Pedro. Igreja Paroquial de São Pedro. Retábulo Principal	130
Figura 31: São Pedro. Igreja Paroquial de São Pedro. Retábulo do Santíssimo Sacramento	131
Figura 32: São Pedro. Ermida de Nossa Senhora do Pilar. Retábulo Principal	132
Figura 33: São Pedro. Ermida de Nossa Senhora do Pilar. Pormenor do nicho onde se encontra o orago	133
Figura 34: Almagreira. Igreja Paroquial de Nossa Senhora do Bom Despacho. Retábulo Principal	134
Figura 35: Almagreira. Igreja Paroquial de Nossa Senhora do Bom Despacho. Pormenor do ático, das colunas, do sacrário e do nicho com a imagem do orago	135



**Vila do Porto. Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção.
Retábulo Principal, executado entre 1935 e 1955 (Borges, 2002, p.28).**

Figura 1



**Vila do Porto. Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção.
Retábulo do Sagrado Coração de Jesus (Capela da Cabeceira no lado do Evangelho).
Executado entre 1935 a 1955 (Borges, 2002, p. 36).**

Figura 2



Vila do Porto. Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção.
Pormenor do Sacrário tipo templete e colunas torsas com oito espiras, existente no Retábulo
do Santíssimo Sacramento (Capela da cabeceira no lado da Epístola).

Figura 3



**Vila do Porto. Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção.
Retábulo de Santa Teresinha do Menino Jesus (Capela lateral do lado da Epístola).
Reconstruído entre 2000 e 2002 (Borges, 2002, pp. 44 e 45).**

Figura 4



Vila do Porto. Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção.

Retábulo das Almas (Capela Lateral do lado do Evangelho), executado em 1953 (Borges, 2002, p. 43).

Figura 5



Vila do Porto. Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção.

Retábulo das Almas (Pormenor dos elementos arquitetónicos e da imagem escultórica de Nossa Senhora com o Menino Jesus ao colo, de fábrica flamenga) (ver pág.^a 45 da dissertação).

Figura 6



Vila do Porto. Igreja do Antigo Convento de Nossa Senhora da Vitória ou de São Francisco.
Painel de Azulejos do Séc. XVII, de Baltazar de Castro, existente no lado do Evangelho na Capela de Santo António.

Figura 7



Vila do Porto. Igreja do Antigo Convento de Nossa Senhora da Vitória ou de São Francisco.
Painel de Azulejos do Séc. XVII, de Baltazar de Castro, existente no lado da Epístola na Capela de
Santo António.

Figura 8

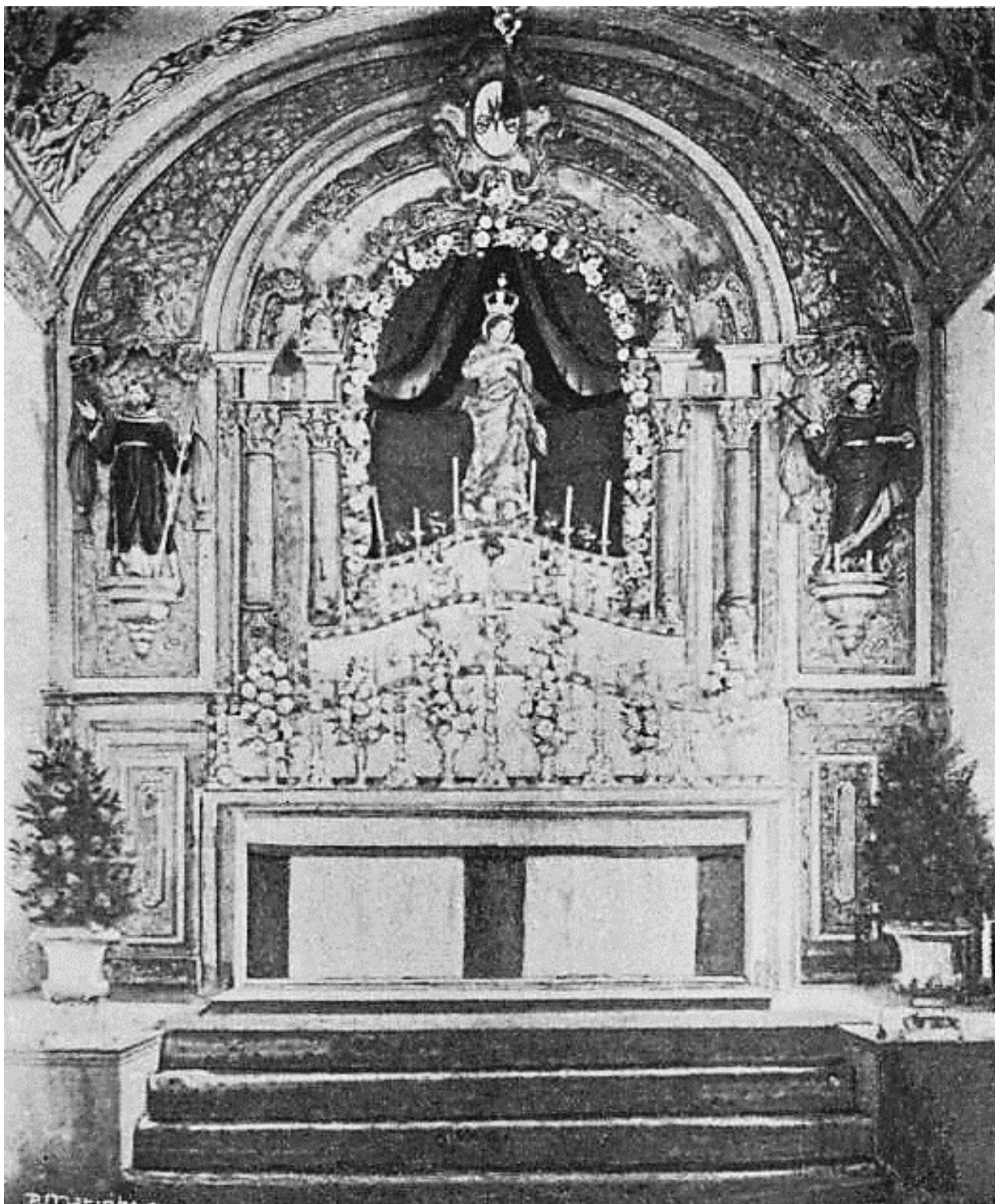


Vila do Porto. Igreja do Antigo Convento de Nossa Senhora da Vitória ou de São Francisco.

Lápide existente no lado da Epístola, à direita do arco de comunicação com a Capela de Santo António.

**"CAPELA D / AS ALMAS Q FV / DOV O CAPITAO MA / NOEL
CVRVELO DA / COSTA E SVA MER MA / IÁCOME. 1652."**

Figura 9



Vila do Porto. Igreja do Antigo Convento de Nossa Senhora da Vitória ou de São Francisco. Retábulo principal. Imagem obtida de: (“Extinto Convento dos Franciscanos”, in *Álbum Açoriano*, fascículo nº 33, 1903, pp. 258 e 259).

Figura 10



Vila do Porto. Capela dos Terceiros.

Pormenor do corpo, do ático e da ligação entre o retábulo e o *arco* da Capela.

Figura 11



**Vila do Porto. Igreja do Recolhimento de Santa Maria Madalena.
Retábulo lateral de São João Nepomuceno do lado do Evangelho.
Reconstruído em 1999 (Ferreira, 2004, p. 214).**

Figura 12



Vila do Porto. Igreja do Recolhimento de Santa Maria Madalena.

Pormenor da imagem de vulto perfeito de Sta. M.^a Madalena, existente no retábulo de S. João Nepomuceno.

Figura 13



**Vila do Porto. Igreja do Recolhimento de Santa Maria Madalena.
Retábulo lateral de Nossa Senhora das Dores do lado da Epístola.
Reconstruído em 1999 (Ferreira, 2004, p. 214).**

Figura 14



Vila do Porto. Igreja do Recolhimento de Santa Maria Madalena.

Pormenor da imagem de vulto perfeito da Nossa Senhora das Dores, existente no retábulo correspondente.

Figura 15



**Vila do Porto. Igreja do Recolhimento de Santa Maria Madalena.
Retábulo do Senhor Crucificado do coro baixo no lado do Evangelho.
Reconstruído em 1999 (Ferreira, 2004, p. 214).**

Figura 16



**Vila do Porto. Igreja do Recolhimento de Santa Maria Madalena.
Retábulo do Senhor Flagelado do coro baixo no lado da Epístola.
Reconstruído em 1999 (Ferreira, 2004, P.214).**

Figura 17



Vila do Porto. Ermida de Nossa Senhora da Conceição da Rocha ou de Santa Luzia.

Retábulo principal.

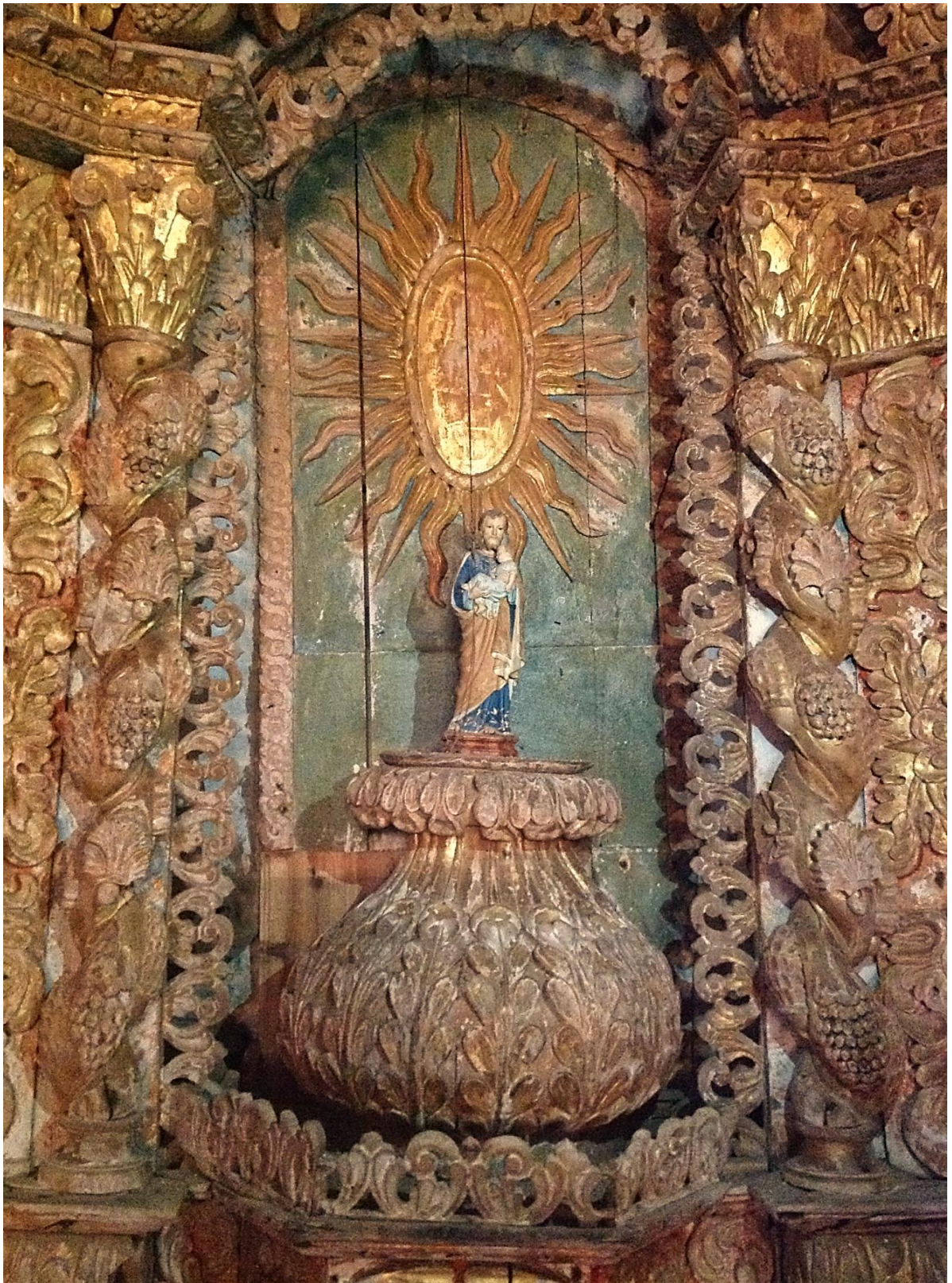
Figura 18



Vila do Porto. Ermida do Corpo Santo ou de São Pedro Gonçalves Telmo.

Retábulo principal.

Figura 19



Vila do Porto. Ermida do Corpo Santo ou de São Pedro Gonçalves Telmo.

Pormenor do Nicho do Retábulo principal.

Figura 20



**Vila do Porto. Ermida do Corpo Santo ou de São Pedro Gonçalves Telmo.
Pormenor da Aduela, Cartela e data de finalização do Retábulo (1752).**

Figura 21



Anjos (Vila do Porto). Ermida de Nossa Senhora dos Anjos.

Tríptico quinhentista, talvez manuelino (DIAS, 1999, p. 243).

Encontra-se integrado no Retábulo da Capela Mor.

Figura 22



Anjos (Vila do Porto). Ermida de Nossa Senhora dos Anjos.

Pormenor do painel de azulejo de 1679 que reveste a parte frontal da Mesa de Altar.

Figura 23



Santo Espírito. Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Purificação ou de Santo Espírito.

Retábulo principal, executado posteriormente a 1971 (NOÉ, 2015).

Figura 24



**Santo Espírito. Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Purificação ou de Santo Espírito.
Retábulo da Coroa e Cetro do Espírito Santo no Absidiolo do lado do Evangelho.
Executado no início do século XX (NOÉ, 2015).**

Figura 25



Santo Espírito. Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Purificação ou de Santo Espírito.

Retábulo do Santíssimo Sacramento localizado no Absidíolo da Epístola.

Executado em 1909 (NOÉ, 2015).

Figura 26



**Santa Bárbara. Igreja Paroquial de Santa Bárbara.
Retábulo principal, executado no início do século XXI (NOÉ, 2015).**

Figura 27



Santa Bárbara. Igreja Paroquial de Santa Bárbara.

Retábulo do Sagrado Coração de Maria existente na capela colateral do lado do Evangelho.

Executado no início do século XXI (NOÉ, 2015).

Figura 28



Santa Bárbara. Igreja Paroquial de Santa Bárbara.

Retábulo do Sagrado Coração de Jesus existente na capela colateral do lado da Epístola.

Executado no início do século XXI (NOÉ, 2015).

Figura 29



São Pedro. Igreja Paroquial de São Pedro.

Retábulo principal, desconhece-se a data de execução, mas foi dourado em 1950 (NOÉ, 2015).

Figura 30



São Pedro. Igreja Paroquial de São Pedro.

Retábulo do Santíssimo Sacramento existente na capela colateral do lado da Epístola.

"... retábulo de provável feitura recente" (NOÉ, 2015).

Figura 31



**São Pedro. Ermida de Nossa Senhora do Pilar.
Retábulo principal, executado no século XIX (NOÉ, 2012).**

Figura 32



São Pedro. Ermida de Nossa Senhora do Pilar.

Pormenor do nicho onde se encontra a imagem de vulto perfeito do Orago.

Figura 33



Almagreira. Igreja Paroquial de Nossa Senhora do Bom Despacho.

Retábulo principal, executado no século XXI (NOÉ, 2015).

Figura 34



Pormenor do ático



**Almagreira. Igreja Paroquial de Nossa Senhora do Bom Despacho.
Pormenor da colunas, Sacrário e nicho com a imagem de Nossa Senhora do Bom Despacho.**

Figura